

DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS NO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA NOS ANOS DE 2005 E 2006

MESTRADO

RODRIGO BATAGELLO – 21/02/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“A REPÚBLICA DE PLATÃO: RELAÇÕES ENTRE A CRÍTICA DO SISTEMA EDUCACIONAL GREGO E AS TRANSFORMAÇÕES NA ESTRUTURA MILITAR DO PERÍODO CLÁSSICO”

O objetivo da pesquisa foi estabelecer relações entre a obra de Platão “A República”, interpretada a partir do trabalho de Eric Havelock “Prefácio à Platão”, e o contexto histórico com o qual ela dialogou, tendo como recorte para a análise desse contexto as transformações ocorridas na estrutura militar ateniense durante o período clássico. Assim, a pesquisa avaliou até que ponto a República pode ser considerada uma resposta aos problemas que surgiram na organização militar ateniense após a Guerra do Peloponeso e que afetaram, sobretudo, a concepção de cidadão-soldado

André Leonardo Chevitarrese (Orientador), Pedro Paulo Abreu Funari e Gabriele Cornelli – UNIMEP - SP

ALINNIE SILVESTRE MOREIRA – 23/02/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“LIBERDADE TUTELADA: OS AFRICANOS LIVRES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA FÁBRICA DE PÓLVORA DA ESTRELA. SERRA DA ESTRELA/RJ (c. 1831 – c. 1870).”

“Africano livre”, “liberto africano”, “negro de prêmio” ou “emancipado”. Estas expressões designavam, no século XIX, o estatuto jurídico de todos os africanos escravizados ilegalmente após a proibição do tráfico atlântico de escravos que tivessem sido resgatados por autoridades em navios negreiros. Uma vez capturados por um governo como o Imperial brasileiro, eles deveriam ser postos ao trabalho na condição de “aprendizes”. A obrigação do Estado Imperial, assumida em acordos com a Coroa inglesa, era manter estes africanos em tutela por 14 anos e então emancipá-los. A regra não foi cumprida, e os africanos livres na maioria vezes serviram a este Estado ou arrematante particular por toda a vida ou por um período muito maior do que aquele determinado.

Eram portadores de uma condição sócio-jurídica ambígua: eram africanos livres numa sociedade em que africanos eram, em sua maior parte, escravos; além disso sua liberdade vigorava sob uma tutela cercada por indefinições. O alto grau de particularidade de sua condição forçou o surgimento de um leque de fatos e circunstâncias específicos, principalmente da parte do Estado, para dar conta de administrá-los, conduzi-los e controlá-los. A documentação deixada no rastro destas práticas específicas revela certas brechas de significado no complexo mundo do trabalho do século XIX. Por isso, consideramos os africanos livres como uma importante chave de acesso para um

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 12	193-221	2006
-----------------	---------------	-------	---------	------

entendimento mais detalhado das transformações das relações de trabalho naquela época. Este estudo focaliza a experiência dos africanos livres na fábrica de pólvora do Império entre os anos de 1830 e 1864, onde tiveram estreito contato com outros grupos sociais, como escravos da nação, trabalhadores livres e soldados artifices.

Silvia Hunold Lara (Orientadora), Sidney Chalhoub e Beatriz Mamigonian – UFSC – SC

ÉRIKA BASTOS ARANTES – 23/02/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“O PORTO NEGRO: CULTURA E TRABALHO NO RIO DE JANEIRO DOS PRIMEIROS ANOS DO SÉC. XX.”

Os negros, desde os tempos da escravidão, encontraram no porto um ambiente propício ao trabalho. O serviço, por ser dinamizado principalmente através da mão de obra avulsa, fazia do porto um local privilegiado onde escravos de ganho poderiam conseguir o jornal do senhor. Mesmo depois da abolição os negros continuaram dominando o cenário do cais, apesar das constantes levas de imigrantes que chegavam na cidade. Essa dissertação tem o objetivo de analisar o cotidiano dos trabalhadores negros do porto do Rio de Janeiro nas primeiras décadas da República, articulando os trabalhadores do porto com a região em que estavam inseridos – a Zona Portuária, local que ficou conhecida posteriormente pela bibliografia por *Pequena África*. O trabalho busca abordar, para além do ambiente de trabalho, outros espaços de sociabilidade, como as habitações, as associações de lazer, as praças e as ruas.

Maria Clementina Pereira Cunha (Orientadora), Fernando Teixeira da Silva e Martha Campos Abreu

CHRISTIANO EDUARDO FERREIRA – 23/02/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“O CASO LONGARETTI: CRIME, COTIDIANO E IMIGRAÇÃO NO INTERIOR PAULISTA.”

O assassinato de um fazendeiro por um colono seu empregado na entrada do século XX é o ponto de partida da presente dissertação, que pretende reconstituir, a partir de elementos tratados no processo-crime decorrente do homicídio, o cotidiano nas fazendas de café de São Paulo. Para tanto, é indicada a natureza do fenômeno migratório verificado no período, o contexto político da época e as circunstâncias desfrutadas pelos trabalhadores no regime de trabalho do colonato, de forma a tornar mais claro o papel desempenhado pelos imigrantes, especialmente os italianos, na estrutura social do país à época, além de contextualizar os testemunhos e relatos existentes sobre a lavoura paulista no momento do crime.

Michael McDonald Hall (Orientador), Cláudio Henrique de Moraes Batalha e Karl Martin Monsma – UFSCar - SP

VANESSA VIVIANE DE CASTRO SIAL – 24/02/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“DAS IGREJAS AO CEMITÉRIO: POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE A MORTE NO RECIFE DO SÉCULO XIX.”

Esta dissertação analisa, a partir do projeto de construção do Cemitério Público Bom Jesus da Redenção no Recife do século XIX, como se deram as transformações dos costumes fúnebres, mediante a imposição de normas sanitárias relacionadas às práticas funerárias tradicionais, que eram entendidas pelos médicos higienistas como um dos fatores de propagação das epidemias. Neste sentido, os cemitérios extra-muros desencadearam novas práticas culturais e adaptações nas atitudes diante da morte. Os médicos higienistas, que influenciaram decisivamente na elaboração e aprovação destas normas sanitárias pelo poder público, acreditavam que os corpos cadavéricos eram possíveis focos de emanações miasmáticas, sendo agentes de grande poder de infecção do ar, causadores de toda sorte de epidemias na cidade.

A proibição dos sepultamentos nas igrejas gerou múltiplos pontos de discussão e conflitos na sociedade recifense do século XIX, assim como ocorreu em várias outras cidades brasileiras: dentro do poder público, na elaboração de leis e regulamentos para as novas práticas fúnebres, como também na população, que viu suas crenças mais íntimas ameaçadas, sobretudo entre membros de irmandades religiosas e os emergentes comerciantes dos novos serviços mortuários. Ademais, o estudo das transformações dos costumes fúnebres foi fundamental para a compreensão do conflito entre a Igreja e o Estado na segunda metade do século XIX, sobretudo pela negação da Igreja em conceber o direito dos não-católicos a serem sepultados nos cemitérios públicos, interpretados como elementos decisivos no processo de secularização da morte no Brasil oitocentista.

Sidney Chalhoub (Orientador), Sílvia Hunold Lara e Sheila Siqueira de Castro Faria

ALINE VIEIRA DE CARVALHO – 24/02/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“PALMARES COMO ESPAÇO DE SONHOS: ANÁLISE DO DISCURSO ARQUEOLÓGICO SOBRE A SERRA DA BARRIGA.”

A dissertação tem como objetivo analisar as correntes arqueológicas existentes no projeto arqueológico quilombo de Palmares, realizado no ano de 1992 e 1993. Busca-se entender quais identidades são construídas, pela Arqueologia, para esse quilombo e como essas identidades podem ser usadas politicamente.

Pedro Paulo Abreu Funari (Orientador), Andrés Zaranekin e Gilson Rambelli – USP – SP

LUIISA TOMBINI WITTMANN – 24/02/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“ATOS DO CONTATO: HISTÓRIAS DO POVO INDÍGENA XOKLENG NO VALE DO ITAJAÍ/SC (1850-1926).”

Esta dissertação discute três momentos do processo de contato entre o povo indígena Xokleng, os imigrantes alemães e os funcionários do SPI, na região do Vale do Itajaí, no Estado de Santa Catarina, entre 1850 e 1926. O trabalho enfoca, num primeiro momento, os ataques na mata entre os nativos e os recém-chegados; num segundo, os processos de adoção de crianças indígenas; e, num terceiro, o cotidiano do Posto Indígena Duque de Caxias, na esteira da “pacificação” dos Xokleng. Busca-se compreender as formas de pensar e agir dos diferentes sujeitos históricos envolvidos no contato, conferindo visibilidade aos atores indígenas e dando voz às suas próprias interpretações e ações diante da nova realidade.

John Manuel Monteiro (Orientador), Sidney Chalhoub e João Pacheco de Oliveira Filho – Museu Nacional, RJ

MARCELO ANTONIO CHAVES – 25/02/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“DA PERIFERIA AO CENTRO DA(O) CAPITAL: PERFIL DOS TRABALHADORES DO PRIMEIRO COMPLEXO CIMENTEIRO DO BRASIL. SÃO PAULO, 1925-1945.”

A primeira grande fábrica de cimento do país, inaugurada em 1926, no bairro de Perus, em São Paulo, determina o recorte temático desta dissertação. As circunstâncias de sua instalação, a articulação com outros empreendimentos – indústria de cal e transporte ferroviário –, a produção de uma mercadoria fundamental para a expansão urbana – o cimento – e o singular processo de produção/trabalho da fábrica, introduzem a escrita. Entretanto, o enfoque privilegiado e articulador deste trabalho é a reflexão sobre os diversos aspectos da vida dos trabalhadores da fábrica e das pedreiras, onde o momento da produção e da reprodução da força de trabalho se confundem. Meu trabalho é fundamentado, principalmente, em fontes documentais primárias, destacando-se a exposição, cruzamento e análise de

dados extraídos de 1500 fichas de trabalhadores. Assim, procuro identificar as condições de vida e de trabalho das primeiras gerações de trabalhadores da fábrica de cimento, entre os anos de 1925 e 1947: migração e imigração, nacionais e estrangeiros, negros e brancos, grau de instrução, salários, estabilidade no emprego, acidentes de trabalho, entre outros. Além de expor inúmeros dados empíricos que revelam mais detalhes daquele rico período da história do Brasil, nesta pesquisa, tem destaque também a conflituosa e ambígua trajetória de criação do primeiro sindicato dos trabalhadores, em 1933, buscando, através dela, problematizar e ilustrar a não menos ambígua e complexa história dos primeiros momentos de instalação do sindicalismo oficial no Brasil.

Michael McDonald Hall (Orientador), Fernando Teixeira da Silva e Angela Maria Carneiro Araújo

VIVIANE GOMES DE CEBALLOS – 25/02/2005 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“E A HISTÓRIA SE FEZ CIDADE...: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA DE BRASÍLIA.”

“Em geral as cidades nascem para a história. No caso de Brasília, a história é que se fez cidade.” Os textos sobre Brasília buscam criar uma historicidade para ela que antecede sua construção. Referências ao sonho profético de Dom Bosco, as discussões de José Bonifácio, José Hipólito, Antônio Veloso, Varnhagen, empreendidas ainda no século XIX informam essa elaboração e aparecem, para mim, como suporte utilizado por muitos daqueles que escrevem, ou escreveram, sobre a cidade para justificar ou dar respaldo àquela obra. Minha preocupação, então, é mapear essa discussão em torno da interiorização da capital e perceber como as referências a ela são fundamentais na elaboração dos discursos proferidos em defesa da construção de Brasília. Através da análise dos discursos em defesa da nova capital e das estratégias utilizadas para lhe dar respaldo histórico busco entender como a referência a essa discussão que antecede a construção da cidade repercutiu na criação de um imaginário em torno dela: “marco de um novo tempo”; “alvorada de um novo Brasil”; “capital da integração nacional”... – bem como na consolidação da imagem de Juscelino Kubitschek como tendo sido o homem que realizou esse sonho acalentado a tanto tempo pelos brasileiros. Trabalho com a hipótese de que a ênfase dada a essa antecendência tenha sido a estratégia utilizada para romper com a idéia de que Brasília tenha sido fruto da vontade de um presidente “audaz” e trazer à tona personagens outros que discutiram, pensaram e propuseram a interiorização da capital, tendo sido ela, então, “fruto do raciocínio e de uma expectativa”.

Maria Stella Martins Bresciani (Orientadora), Silvana Barbosa Rubino e Abilio da Silva Guerra Neto – PUC- SP

MÔNICA DE OLIVEIRA – 25/02/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“MILITANTES OPERÁRIOS E OPERÁRIOS MILITANTES – A EXPERIÊNCIA DA “INTEGRAÇÃO NA PRODUÇÃO” NA HISTÓRIA DA AÇÃO POPULAR (1965-1970).”

Esta pesquisa tem por objetivo compreender os meandros da aplicação de uma tática política denominada “integração com as massas” adotada pela Ação Popular (AP), sob a influência do maoísmo, a partir de 1967. Assinalamos na história da AP suas múltiplas influências teóricas, como o cristianismo, a vertente cubana e sobretudo, o pensamento maoísta. Para tanto, percorremos os passos dos militantes da AP que foram viver e trabalhar como operários em fábricas do ABC – paulista, assim como, destacamos as trajetórias dos militantes de origem operária, entrelaçando essas respectivas experiências, sem perder de vista as diretrizes da organização.

Cláudio Henrique de Moraes Batalha (Orientador), Marcelo Siqueira Ridenti e Maria Aparecida Aquino USP-SP

MARIA DO CARMO COUTO DA SILVA – 28/02/2005 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“A OBRA CRISTO E A MULHER ADÚLTERA E A FORMAÇÃO ITALIANA DO ESCULTOR RODOLFO BERNADELLI.”

Esta pesquisa enfoca o grupo escultórico monumental *Cristo e a mulher adúltera*, de Rodolfo Bernardelli (Guadalajara, México, 1852 – Rio de Janeiro RJ, 1931). Realizada em Roma entre 1881 e 1884, é considerada pela crítica como a sua obra-prima. Nosso projeto procurou estabelecer ligações entre essa escultura, outras obras do artista no mesmo período e com a arte italiana e francesa contemporânea. Outro objetivo desse projeto foi a análise da importância do estágio italiano do escultor, enquanto pensionista da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro em Roma, entre 1877 e 1885, para melhor conhecimento acerca da vertente realista a qual o artista se filiou. Além de procurar inserir a produção de Rodolfo Bernardelli no contexto histórico e artístico em que foi realizada, nos últimos anos do Segundo Reinado, a pesquisa buscou a compreensão do papel desses trabalhos na constituição da cultura visual do Brasil daqueles anos.

Luciano Migliaccio (Orientador), Claudia Valladão de Mattos – IA/UNICAMP e Domingos Tadeu Chiarelli – ECA/USP - SP

ANA FLÁVIA CERNIC RAMOS – 28/02/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“POLÍTICA E HUMOR NOS ÚLTIMOS ANOS DA MONARQUIA: A SÉRIE “BALAS DE ESTALO” (1883-1884).”

*

Sidney Chalhouh (Orientador), Izabel Andrade Marson e Leonardo Afonso de Miranda Pereira

DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA – 28/02/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: LEITURAS E LEITORES DO “JORNAL DAS FAMÍLIAS”.

Esta dissertação tem como objetivo central estudar uma revista feminina, intitulada *Jornal das Famílias*, editada entre 1863 e 1878. Uma de suas principais questões girava em torno de se disponibilizar leituras com certo tom moralizante e religioso, que servissem como lições às leitoras. Seus colaboradores posicionaram-se de maneiras diferenciadas. Machado de Assis, literato que mais assinou contos para essa revista, recorreu de várias estratégias para se aproximar mais de suas leitoras. Escreveu textos não só com caráter moralizador, mas também questionadores desse mesmo tema, da política Imperial e das formas de domínio à época. Também por meio da criação de personagens leitores e da indicação de alguns romances em seus contos, abriu-nos a possibilidade de saber algo do perfil dos leitores daquela revista.

Sidney Chalhouh (Orientador), Jefferson Cano e Regina Horta Duarte – UFMG-MG

CRISTINA ANTONIOEVNA DUNAEVA – 28/02/2005 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“DE SISTEMAS NOVOS NA ARTE DE KAZÍMIR MALÍEVITCH (1878-1935). DA HISTÓRIA DA ARTE À ANÁLISE DA LINGUAGEM ARTÍSTICA.”

De Sistemas Novos na Arte (*O nóvikh sistíemakh v isskústvje*), 1919, é o primeiro tratado teórico de Kazimir Sievierinovitch Malíévitch (1878, Kíiev – 1935, Leningrado), um dos principais artistas da vanguarda russa, criador do suprematismo, teórico da arte, filósofo e pedagogo.

No tratado Maliévitch apresenta e analisa os sistemas novos da arte: o impressionismo, o cubismo, o futurismo, a obra pictórica de Cézanne, Van Gogh e Gauguin, assim como a crítica da arte dita primitiva, a arte da Grécia clássica e a romana, o primitivismo moderno e o academismo. A crítica da arte está ligada à reflexão filosófica sobre o contexto histórico e cultural do surgimento da arte moderna e do suprematismo.

O tratado está relacionado às atividades pedagógicas desenvolvidas por Maliévitch. Em 1918 ele é o professor dos Ateliês Artísticos Livres do Estado (SVOMAS – Svobodnyie Khudójestviennyye Mastierskiie), em Petrogrado, e em 1919 – o Mestre-Chefe dos I e II Ateliês Artísticos Livres do Estado em Moscou. Em Vitebsk cria o grupo UNOVIS (Afirmadores da Arte Nova – Utvierditieli Nóvogo Isskústva) e embasa o ensinamento na análise dos sistemas pictóricos. O pintor afirmava que o livro editado em Vitebsk fora a transcrição de uma das palestras supostamente dadas em Moscou.

Nelson Alfredo Aguilar (Orientador), Luciano Migliaccio e John Milton – USP - SP

RICARDO FIGUEIREDO PIROLA – 01/03/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“A CONSPIRAÇÃO ESCRAVA DE CAMPINAS, 1832: REBELIÃO, ETNICIDADE E FAMÍLIA.”

No ano de 1832 foi descoberto um plano de revolta escrava em Campinas, envolvendo quinze fazendas. O objetivo deste trabalho é construir uma biografia coletiva dos escravos e do liberto envolvidos nesse plano de rebelião. Buscaremos acompanhar a trajetória desses revoltosos desde o momento em que chegaram na vila de Campinas até o ano de 1832. Levantaremos vários aspectos de suas vidas, como, por exemplo, a época em que chegaram na região, as procedências, os tipos de tarefas desempenhadas nas fazendas, as relações de parentesco e outros. Esperamos com isso tirar algumas conclusões para discutir a temática da comunidade escrava. Existiria uma comunidade escrava homogênea pelo simples fato de todos terem a mesma condição cativa? Ou os escravos eram bastante divididos entre si pelas diferenças de origem, sendo os crioulos (cativos nascidos no Brasil) menos propensos a se rebelarem contra os senhores que os africanos? Ou, ainda, seriam aqueles escravos casados e com profissões especializadas completamente estranhos à maioria dos cativos que não experimentavam essas vivências e totalmente avessos a rebeliões coletivas? O trabalho utiliza o método de ligação nominativa das fontes, baseado em cinco séries documentais: processo-crime de 1832, inventários, censos populacionais, registros de batismo e casamento escravo.

Robert Wayne Andrew Slenes (Orientador), Sílvia Hunold Lara e Flávio dos Santos Gomes – UFRJ - RJ

RENATA BITTENCOURT – 31/03/2005 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“MODOS DE NEGRA E MODOS DE BRANCA: O RETRATO “BAIANA” E A IMAGEM DA MULHER NEGRA NA ARTE DO SÉCULO XIX.”

A dissertação é uma investigação acerca do retrato “Baiana”, buscando estabelecer relações com os costumes culturais de seu contexto de origem, bem como a iconografia do século XIX, com foco na representação pautada por questões de gênero e etnicidade.

Jorge Sidney Coli Junior (Orientador), Luciano Migliaccio e Marcos Tognon

ROSANGELA DE JESUS SILVA – 14/04/2005 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“A CRÍTICA DE ARTE DE ANGELO AGOSTINI E A CULTURA FIGURATIVA DO FINAL DO SEGUNDO REINADO.”

Este trabalho apresenta um levantamento e análise da crítica de arte produzida por Angelo Agostini. Sua crítica foi expressa através de

artigos, notas, desenhos e caricaturas publicadas nos periódicos *O Mosquito* e *Revista Ilustrada*, sempre pautados por sua visão política daquela sociedade. Seu trabalho permite acompanhar os importantes debates artísticos que permearam a segunda metade do século XIX no Brasil.

Luciano Migliaccio (Orientador), Jorge Sidney Coli Junior e Lara Lis Franco Schiavinatto

PATRICIA DALCANALE MENESES – 27/06/2005 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“ESPAÇOS IMAGINÁRIOS: A EXPECTATIVA COMO EXPRESSÃO HUMANISTA NA CORTE DE FEDERICO DI MONTEFELTRO.”

O objetivo desta pesquisa é estudar três pinturas de cenas urbanas conhecidas como painéis de Urbino, Baltimore e Berlim e, mais especificamente, o ambiente cultural que as produziu. Considerando a cidade de Urbino como o mais provável local de origem dessas obras, o estudo concentra-se na relação entre arte e política, e no papel da arquitetura e cultura humanista no ducado dos Montefeltro.

Luiz Cesar Marques Filho (Orientador), Luciano Migliaccio e Mário Henrique Simão D’Agostino – FAU/USP

RODRIGO ROSA DA SILVA – 28/07/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“IMPRIMINDO A RESISTÊNCIA: A IMPRENSA ANARQUISTA E A REPRESSÃO POLÍTICA EM SÃO PAULO (1930-1945).”

Através dos pontuários da polícia é possível entender como funcionava a vigilância e a repressão aos jornais anarquistas e as seus militantes. Por outro lado, nas entrelinhas dos relatórios de investigação em próprios periódicos é possível identificar atos de resistências e contestação do estado policial e a continuidade da propaganda anarquista, mesmo que de maneira intermitente, em períodos de intensa perseguição política. Os jornais anarquistas possibilitam compreender como os militantes lidavam com a repressão, seja através de denúncias, protestos ou artigos, até mesmo chegando a convocação de manifestações públicas.

Michael McDonald Hall (Orientador), Fernando Teixeira da Silva e Carlo Maurizio Romani – CEBRAP

MARCOS MONTEIRO RABELO – 29/07/2005 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“O ABADE SUGER, A IGREJA DE SAINT-DENIS E OS PRIMÓRDIOS DA ARQUITETURA GÓTICA NA ÎLE-DE-FRANCE DO SÉCULO XII.”

Igreja abacial de Saint-Denis, situada nos arredores de Paris, figura entre os grandes monumentos da idade média européia. No que respeita à história da arte, pode-se dizer que o período mais significativo na trajetória da igreja abacial é o da reforma promovida pelo abade Suger, realizada entre 1137 e 1144. As mudanças estruturais realizadas durante essa reforma e a nova concepção do espaço tornaram o edifício bastante distinto, quando comparado às construções românicas da época; a Saint-Denis de Surger é vista pelos estudiosos da arte medieval como um protótipo, onde a arquitetura gótica encontrou sua primeira definição. Esta dissertação de Mestrado apresenta a tradução de um dos textos capitais para a compreensão das realizações de Surger em Saint-Denis, o *De Consecratione Ecclesiae Sancti Dionysii*, acompanhado de notas explicativas e dois textos críticos: um sobre o lugar de Suger na historiografia da arte medieval e outro acerca das relações entre teologia e “estética” no templo edificado pelo abade.

Luiz Cesar Marques Filho (Orientador), Néri de Barros Almeida e Marcelo Cândido da Silva - USP

HUGO XAVIER GUARILHA – 29/07/2005 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“A QUESTÃO ARTÍSTICA DE 1879: UM EPISÓDIO DA CRÍTICA DE ARTE NO SEGUNDO REINADO.”

Trata-se da reunião da fortuna crítica dos dois quadros de batalhas pintados por Pedro Américo e Victor Meirelles, respectivamente a Batalha de Avahy e a Batalha dos Guararapes. As telas, de grandes dimensões e importância para o projeto de construção da História Brasileira, foram expostas quase lado a lado na Exposição Geral de 1879, o que motivou uma polêmica entre grupos de intelectuais distintos que se serviram dos periódicos da época para expressar suas posições. A reunião é antecedida por uma introdução que procura identificar nos textos elementos relevantes do pensamento crítico do período.

Jorge Sidney Coli Junior (Orientador), Luiz Carlos da Silva Dantas e Lara Lis Schiavinatto

FABIANA DE ARAUJO GUERRA GRANGEIA – 13/09/2005 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“A CRÍTICA DE ARTES EM OSCAR GUANABARINO: ARTES PLÁSTICAS NO SÉCULO XIX.”

Oscar Guanabardino de Sousa Silva (1851-1937), nascido em Niterói e conhecido como um temido crítico musical, apresenta-se hoje como uma figura central da vida cultural do Rio de Janeiro em sua época. Guanabardino foi pianista e dramaturgo, mas a atividade em que mais se destacou foi, de fato, a crítica de arte periódica, exercida de 1879 até 1937. A introdução no meio jornalístico foi favorecida pela influência do pai, Joaquim Norberto de Sousa Silva. Ao longo de todo o seu trabalho nos jornais *O Paiz* e no *Jornal do Commercio*, deixou também textos sobre as artes plásticas, que podem ser vistos como testemunhos vivos de uma cultura artística ainda pouco estudada no Brasil, já que ainda faltam estudos aprofundados sobre as belas-artes no Brasil do século XIX. Esta dissertação tem como objetivo apresentar esses textos, restringindo-nos ao período de 1884, ano da fundação de *O Paiz*, a 1900; bem como buscar suas referências e esboçar uma biografia do autor, no contexto dos meios intelectuais fluminenses e de seus anseios pela criação de uma arte genuinamente nacional, ao mesmo tempo em que o governo imperial de D. Pedro II perdia sua força para dar lugar aos ideais republicanos.

Jorge Sidney Coli Junior (Orientador), Robert Wayne Andrew Slenes e Luciano Migliaccio – USP - SP

MILENE CHAVEZ GOFFAR MAJZOUB – 16/11/2005 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“JUÍZOS DE DEUS E JUSTIÇA REAL NO DIREITO CAROLÍNGIO: ESTUDO SOBRE A APLICAÇÃO DOS ORDÁLIOS À ÉPOCA DE CARLOS MAGNO (768-814).”

Nosso estudo propõe uma análise exaustiva das fontes históricas relativas à aplicação dos ordálios durante o reinado de Carlos Magno (768-814). Para tanto, assume uma perspectiva metodológica que associa os pressupostos da história do direito aos questionamentos da história social, investigando o complexo mecanismo de funcionamento do esquema probatório na justiça real carolíngia, explicando como ele se diferencia de acordo com o status social das partes, reproduzindo a organização social e os valores da época.

Luiz César Marques Filho (Orientador), Leandro Karnal e Marcelo Cândido da Silva – FFLCH/USP

ISADORA MOURA MOTA – 12/12/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“O ‘VULCÃO’ NEGRO DA CHAPADA: REBELIÃO ESCRAVA NOS SERTÕES DIAMANTINOS.”

Esta dissertação conta a história da rebelião escrava do Serro, movimento que reuniu mais de quatrocentos rebeldes em Minas Gerais,

no mês de outubro de 1864. Cientes dos projetos emancipacionistas em debate no Parlamento nacional e da Guerra Civil nos Estados Unidos, escravos das lavras de diamantes, fazendas e cidades do Serro e Diamantina planejaram uma “guerra contra os brancos” para obter sua liberdade. Eles contavam com o apoio de comunidades quilombolas e homens forros. Através da análise desta revolta, esperamos trazer à tona as culturas e experiências da escravidão no nordeste mineiro, assim como suas relações com o cenário político da década de 1860.

Robert Wayne Andrew Slenes (Orientador), Sidney Chalhoub e Flávio dos Santos Gomes – UFRJ - RJ

RODRIGO MIRANDA – 19/12/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“UM CAMINHO DE SUOR E LETRAS: A MILITÂNCIA NEGRA EM CAMPINAS E A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE IMAGINADA NAS PÁGINAS DO GETULINO (1923-1926).”

Esta dissertação tem por objetivo estudar a formação da militância negra na cidade de Campinas na década de 1920, identificando pontos de atrito e solidariedade entre seus membros. Partindo das orientações teóricas propostas pela História Cultural, pretende-se compreender os caminhos seguidos por essa militância no interior dos significados construídos pela linguagem para a constituição de identidades raciais. Nesse sentido, elege-se como fonte primária para essa pesquisa o jornal da imprensa negra campineira intitulado *Getulino*, cujo discurso será analisado a fim de se identificar as representações que nele são construídas. Para se compreender a relação entre o texto desse jornal e as ideologias que circulavam na sociedade da época, serão abordados os debates envolvendo perspectivas para a formação da nação brasileira, notadamente saturados pela idéia de “raça” e “evolução”. Pretende-se, ao final deste trabalho, tornar mais claro o processo de formação de identidades no interior de um movimento cultural e social e não fixar uma identidade estanque para essa militância.

Célia Maria Marinho Azevedo (Orientadora), Fernando Ferreira Rosa Ribeiro e Prof. Dr. Marcos Chor Maio – Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – RJ

ALINE ANTUNES ZANATTA – 19/12/2005- (HISTÓRIA CULTURAL)

“JUSTIÇA E REPRESENTAÇÕES FEMININAS: O DIVÓRCIO ENTRE A ELITE PAULISTA (1765-1822)”

Ao focalizar as mulheres da elite, tem-se como objetivo central verificar, por meio dos processos de divórcios, a relação dessas mulheres com a Justiça Eclesiástica. A proposta visa, portanto, apreender estas no momento de ruptura das alianças familiares, a fim de focalizar aquelas que após o casamento perante a Igreja, buscavam romper os laços matrimoniais. Vislumbra-se, dessa forma, a possibilidade de se realizar uma história das mulheres da elite colonial paulista, utilizando documentos referentes aos “processos de divórcio” e legislações civil e eclesiástica, complementados por testamentos, inventários, livro de notas, dispensas matrimoniais, registros de casamentos, processos crimes, narrativa de viajantes e genealogias referentes à Capitania de São Paulo. Com base na pesquisa efetuada procuramos verificar em que medida a atuação social destas mulheres foi maior do que a historiografia tem apontado, e, conseqüentemente, questionar os estereótipos referentes às mulheres da elite paulista cristalizados nas imagens de devoção e reclusão.

Leila Mezan Algranti (Orientadora), Eliana M. Rea Goldschmidt e Luzia Margareth Rago

ANA CAROLINA ARRUDA DE TOLEDO MURGEL – 20/12/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“ALICE RUIZ, ALZIRA ESPÍNDOLA, TETÊ ESPÍNDOLA E NÁ OZZETTI: PRODUÇÃO MUSICAL FEMININA NA VANGUARDA PAULISTA”

Esta pesquisa tem por objetivo mapear as trajetórias de vida e as produções musicais de Alice Ruiz, Alzira Espíndola, Tetê Espíndola e Ná Ozzetti, compositoras que residem atualmente em São Paulo e que participaram do momento musical denominado, pela imprensa paulistana, de “Vanguarda Paulista”. Num trabalho com a memória, busca pensar como se produz a subjetividade dessas artistas; como são criadas suas canções em parcerias e como se exprimem as relações de gênero na composição musical. Também indaga sobre a dimensão feminina no fazer artístico, na tentativa de decifrar especificidades na criação poética e musical das mulheres. O trabalho se referencia pelos conceitos de genealogia, estética da existência e modos de subjetivação formulados por Michel Foucault, aproximando-os dos debates sobre as relações de gênero, em especial nas concepções de Joan W. Scott, Luce Irigaray e Rosi Braidotti.

Luzia Margareth Rago (Orientadora), Carmen Lúcia Soares e Marilda Aparecida Ionta

WALDEMAR GOMES – 10/01/2006 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“O SEPÚLCRO DE JÚLIO II, DE MICHELANGELO. A QUESTÃO ICONOGRÁFICA À LUZ DAS RECENTES INVESTIGAÇÕES”

A construção do Sepulcro do Papa Júlio II ocupou 40 anos da vida produtiva madura de Michelangelo, entre 1505 e 1545. Idealizada como um grande mausoléu composto de cerca de 40 esculturas e ornamentos em bronze para ser construída na Basílica de São Pedro, o monumento passou a sofrer reduções gradativas a cada novo projeto que foi assinado entre Michelangelo e os herdeiros e executores da vontade do papa. O monumento edificado não mais na Basílica de São Pedro, mas na Igreja de San Pietro in Vincoli, conta com apenas 7 esculturas, algumas delas de discípulos do mestre florentino. Ao afirmar que o resultado final foi o resultado possível a que o artista conseguiu chegar para ver-se finalmente livre daquela encomenda, a crítica tem considerado que essa obra ficou muito aquém dos sonhos grandiosos tanto do papa quanto do próprio artista. A partir dos recentes trabalhos de restauro, Antonio Forcellino, Adriano Prosperi e Christoph L. Frommel avançaram novas hipóteses sobre as condicionantes sociais, políticas e religiosas que nortearam a conclusão do monumento e que teriam motivado Michelangelo a fazer a escolha de certas esculturas em detrimento de outras influenciado que teria sido pelo conteúdo do opúsculo *Il Beneficio di Cristo*. Com isto, eles criaram uma das mais novas e revolucionárias teorias sobre o programa iconográfico do resultado final dessa obra e avançaram novas luzes para sua compreensão, contribuindo para que possamos entendê-lo melhor.

Luiz César Marques Filho (Orientador), Luciano Migliaccio e Jens Michael Baumgarten

JULIANA GESUELLI MEIRELLES – 13/02/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“A GAZETA DO RIO DE JANEIRO E O IMPACTO NA VIDA E CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS NO IMPÉRIO LUSO-BRASILEIRO”

Esta dissertação se propõe a repensar a importância da *Gazeta do Rio de Janeiro* para a monarquia luso-brasileira durante o período em que D. João VI residiu no Brasil (1808 -1821). A análise parte de uma perspectiva histórica transoceânica já que nesses anos o jornal circulou em ambos os lados do Atlântico. Uma vez que a *Gazeta do Rio de Janeiro* é considerada pela historiografia brasileira o marco da introdução da imprensa no país, pretendemos investigar a concepção de imprensa desse periódico e assim compreendermos a qual tradição de imprensa esse jornal estava vinculado. Para tanto, analisaremos os sentidos intrínsecos ao discurso do redator da folha, o papel do leitor na produção e recepção da notícia e a relação existente entre concepção de imprensa e as questões políticas vigentes no universo público no período joanino.

Leila Mezan Algrantti (Orientadora), Vera Hercília Faria Pacheco Borges e Lucia Maria Bastos Pereira das Neves – UFRJ – RJ

ANA RITA UHLE – 16/02/2006 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“DE CASACA AO PÉ DA ESTAÇÃO. HISTÓRIA DO MONUMENTO A CAMPOS SALES”

*

Cristina Meneguello (Orientadora), Iara Lis Schiavinatto e Paulo Knauss – UFF – RJ

MARCUS VINICIUS DE MORAIS – 15/02/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“O SONHO E O DESPERTAR POR VIR: O DIÁLOGO SOLITÁRIO DA CONFISSÃO – UMA REFLEXÃO SOBRE O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA NA NOVA ESPANHA NA PASSAGEM DO SÉCULO XVI PARA O XVII”

A presente pesquisa buscou apresentar as diferentes representações da salvação indígena, a partir da análise do sacramento da penitência em diferentes momentos da chamada conquista espiritual da América espanhola. O discurso utópico europeu, nos anos iniciais da evangelização, em que se teve a certeza da conversão dos indígenas ao catolicismo, é comparado à narrativa produzida na segunda metade do século XVI e início do XVII em que a descrença sobre o sucesso da empresa missionária é evidente.

Leandro Karnal (Orientador), Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto e Janice Theodoro da Silva – USP – SP

ROBERTA ALEXANDRINA DA SILVA – 20/02/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“O REINO PARA ELAS: MULHER E COMUNIDADES CRISTÃS NO PRIMEIRO SÉCULO DA ERA CRISTÃ”

*

Andre Leonardo Chevitarrese (Orientador), Glaydson Jose da Silva e Gabriele Cornelli – UMEP – SP

ULIANA DIAS CAMPOS FERLIM – 21/02/2006 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“A POLIFONIA DAS MODINHAS. DIVERSIDADE E TENSÕES MUSICAIS NO RIO DE JANEIRO NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX AO XX”

*

Maria Clementina Pereira Cunha (Orientadora), Sidney Chalhoub e Martha Campos Abreu – UFF – RJ

JOSÉ CARLOS DE ARAUJO JUNIOR – 21/02/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“A METAMORFOSE ENCARNADA: TRAVESTIMENTO EM LONDRINA (1970-1980)”

Londrina, situada ao norte do Paraná, é uma cidade que, apesar de planejada segundo os moldes racionalistas dos desbravadores ingleses em 1929, não deixou de possuir controvérsias. Além de capital mundial do café, também foi uma cidade muito boêmia, onde surgem os

personagens noturnos fora de seus ofícios convencionais, à parte do utilitarismo do trabalho diurno. Travestis da década de 1970 e 1980 é o tema aqui estudado, ramificando a abordagem para discussões como prostituição, saber médico-psiquiátrico, gênero performático e corpo. Histórias de vida são relatadas com o intuito de discutir os temas como a relação entre as travestis e o meio sócio-cultural que as cerca, a metamorfose de si através das vestimentas e a interferência radical na anatomia.

Luzia Margareth Rago (Orientadora), Leandro Karnal e Richard Miskolci – UFSCar – SP

ALESSANDRA BAGATIM – 22/02/2006 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“PERSONAGENS, TRAJETÓRIAS E HISTÓRIAS DAS FORÇAS ARMADAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL”

Esta pesquisa tem por objetivo mostrar o processo de formação e a atuação de um grupo de esquerda armado dos anos 60 auto nomeado Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN).

A atuação local e isolada deste grupo que, atipicamente, desenvolveu suas ações no interior de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto, e a participação de trabalhadores rurais entre seus membros são características que o diferenciam dos demais.

O desenrolar da pesquisa traz uma contextualização sobre os movimentos políticos, econômicos e sociais ocorridos em Ribeirão Preto no decorrer da década de 50 e, principalmente, na década de 60. Mostra os caminhos percorridos pelos integrantes do grupo, desde o momento anterior à formação da FALN até serem descobertos e presos. Destaca, por fim, a participação de alguns trabalhadores rurais no grupo e a forma como a Igreja católica local viu-se envolvida nesta trama política.

Edgar Salvadori De Decca (Orientador), Maria Lygia Quartim de Moraes e Fernando Teixeira da Silva

LIVIA MARIA TIEDE – 22/02/2006 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“SOB SUSPEITA: NEGROS, PRETOS E HOMENS DE COR EM SÃO PAULO NO INÍCIO DO SÉCULO XX”

Esta dissertação estuda a população negra paulistana no início do século XX na cidade de São Paulo, a partir da grande imprensa, de documentação policial e da chamada imprensa negra. Os jornais negros foram escritos por indivíduos que se nomeavam como “classe dos homens de cor”. Para ser considerado “homem de cor” o negro deveria seguir algumas regras de conduta moral, expressas em artigos e por meio de críticas em seções específicas dos periódicos, e quem não compartilhava essas determinações era chamado por eles de “pretos”. Combater o racismo e a discriminação eram os objetivos dos homens de cor, no entanto, esse só poderia ser efetivado por meio de ação conjunta de todos os negros, que deveriam dizimar os estigmas sociais a eles associados, como considerá-los a priori vagabundos, embriagados e criminosos. Em se tratando de mulheres negras, a estigmatização vinculava-se, além de tudo, à idéia de prostituição. Seguindo o ponto de vista dos homens de cor, buscamos entender como os negros apareciam na grande imprensa e em processos policiais. Verificamos que eram vistos como sujeitos suspeitos antes mesmo de se comprovar sua participação em algum delito, além da identificação não primar pela identidade do negro, mas ser feita unicamente por meio da cor. Dessa forma, procuramos entender como se dava a inserção de toda população negra nos bairros paulistanos, e se havia de fato separação entre homens de cor e pretos. Compreendemos que a estratégia dos homens de cor, para combater o racismo e a discriminação por meio da conduta, não surtia o efeito desejado porque todos os negros eram considerados suspeitos em potencial, pois independente da alcunha que atribuissem a si mesmos, eram apenas “negros” para a sociedade paulistana.

Silvia Hunold Lara (Orientadora), Robert Wayne Andrew Slenes e Joseli Maria Nunes Mendonça – UNIMEP – SP

PEDRO RIGOLO FILHO – 23/02/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“A ROMANIZAÇÃO COMO CULTURA RELIGIOSA. AS PRÁTICAS SOCIAIS E RELIGIOSAS DE D. JOÃO BATISTA CORRÊA NERY, BISPO DE CAMPINAS, 1908-1920”

Sob a perspectiva da História Cultural, esta dissertação analisa algumas práticas de leitura realizadas sobre o movimento da romanização brasileira, especialmente na diocese de Campinas, sob o governo pastoral de D. João Batista Correa Nery, entre os anos de 1908 a 1920. O objetivo deste estudo é compreender aquele contexto através das práticas sociais e religiosas daquele bispo. Ela procura demonstrar que, na busca em se criar uma cultura católica capaz de tornar o país uma nação católica, as práticas sociais e discursivas do episcopado brasileiro foram motivadas por preceptivas religiosas, especialmente a doutrina sacramental que interpreta a Igreja como um sinal de Deus no mundo. Desta forma, o episcopado e, em especial, D. Nery promoveu a visibilidade da Igreja através de diversos empreendimentos materiais, da renovação litúrgica e espiritual, estimulando assim, a sensibilidade religiosa e a materialidade da fé. De vital importância para a romanização foi a propagação da doutrina católica através de material impresso. Conclui-se que esta cultura religiosa garantiu, simultaneamente, o sucesso das reformas internas que, progressivamente, aconteceram na Instituição e das articulações políticas realizadas junto a diversos segmentos da sociedade brasileira.

Eliane Moura da Silva (Orientadora), José Alves de Freitas Neto e Agueda Bernadete Bittencourt – DASE/FE/UNICAMP

ELIANA RIBEIRO AMBRÓSIO – 23/02/2006 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“PRESERVAÇÃO DO PRESÉPIO NAPOLITANO DO MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO: PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM INVENTÁRIO CIENTÍFICO”

*

Luciano Migliaccio (Orientador), Luiz César Marques Filho e Jens Baumgarten – Univ. de Hamburgo - Alemanha

LUDMILA GOMIDE – 23/02/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“A CÂMARA MUNICIPAL DA VILA DE SÃO PAULO E A ESCRAVIDÃO INDÍGENA NO SÉCULO XVII (1628-1696)”

O presente trabalho tem como proposta entender a atuação da Câmara Municipal da vila de São Paulo na condução dos problemas advindos da escravidão dos índios no século XVII (1628-1696). A escravidão indígena foi um dos pontos de maior tensão durante o período colonial e envolveu todos os setores da sociedade: jesuítas, moradores, índios, autoridades régias na Colônia e a Coroa. Buscamos entender de que maneira o poder municipal desenvolveu mecanismos para afirmar os interesses locais, sobretudo os da elite, sem, contudo, abalar os laços de vassalagem com o Reino. A luta dos colonos de São Paulo pelo direito de explorar o trabalho indígena, levada à frente pela Câmara, demandou um esforço político para garantir estruturas legais mínimas que fundamentassem a escravidão.

Leila Mezan Algranti (Orientadora), José Alves de Freitas Neto e Pedro Luis Puntoni – USP – SP

VANESSA APARECIDA TEIXEIRA PROENÇA JUNQUEIRA – 27/03/2006 – (HISTÓRIA DA ARTE)

“CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS DE OURO PRETO: UM GUIA COMENTADO”

A Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, considerada por diversos historiadores da arte colonial brasileira como um dos mais importantes monumentos do Brasil, recebeu poucos estudos até hoje, sendo encontrado, apenas, um quadro difuso de publicações. Dentre estas, merece destaque a obra escrita em 1951, pelo Cônego Raimundo Trindade, São Francisco de Assis de Ouro Preto. Crônica Narrada pelos Documentos da Ordem, que traz a história da Irmandade e da construção da igreja sem, contudo, se preocupar com a análise da arquitetura.

Esta Dissertação de Mestrado contempla este importante edifício com um levantamento dos documentos e da fortuna crítica relacionados à esta capela, bem como com a elaboração de um atlas visual que apresenta o templo a partir de um levantamento fotográfico exaustivo acompanhado de um levantamento gráfico que, juntos, apresentam os detalhes arquitetônicos e artísticos.

Marcos Tognon (Orientador), Luciano Migliaccio e Margareth Brandini Park – CMU/UNICAMP

CAMILA CARNEIRO DAZZI – 31/05/2006 – (HISTÓRIA DA ARTE)

Relações Brasil-Itália na Arte do Segundo Oitocentos: estudo sobre Henrique Bernardelli (1880 a 1890) A presente pesquisa tem como objetivo específico compreender a trajetória artística de Henrique Bernardelli, na década de 1880, e de forma mais ampla as relações artísticas entre Brasil e Itália no segundo oitocentos. Enfocamos os anos de estudo do pintor na Itália e a forma como sua produção desse período é recebida no meio artístico carioca pré-republicano, sobretudo pelos críticos de arte. Parte da premissa teórica de que a procura do entendimento da história da arte não se pode realizar fora do contexto cultural no qual ela está imersa, acreditando ser por isso necessário reconstituir, levando em conta os limites impostos, o contexto da época à luz de documentos e obras. Utiliza fontes primárias, – obras (pinturas), catálogos das exposições, os textos de críticos de arte, as correspondências entre artistas, documentos das instituições artísticas –, principalmente do Museu D. João VI/EBA/UFRRJ, do Museu Nacional de Belas Artes/RJ, do Arquivo Edgar Leuenroth/UNICAMP/Campinas. 1880 a 1890;

Luciano Migliaccio (Orientador), Jorge Sidney Coli Junior e Luiz Carlos da Silva Dantas – IEL/UNICAMP

SILVANA SANTIAGO – 24/08/2006 – (HISTÓRIA SOCIAL)

A partir da combinação de fontes processuais, literatura e música popular, este trabalho pretende investigar como se constituíram alguns estereótipos, em especial àqueles relacionados à sensualidade, beleza e a sexualidade das mulatas. Discutindo os conceitos de gênero, classe e raça, minha proposta é pensar como estes estereótipos podem ser percebidos no cotidiano de mulheres negras (e “mestiças”), em sua maioria pobres, de fins do século XIX e início do século XX, período imediatamente posterior à abolição do trabalho escravo no Brasil, bem como da também recente proclamação da República. Utilizando processos de mulheres com a alcunha Conceição combinada a outros nomes, discuto como imagens e estereótipos sobre as mulheres negras surgem no ambiente policial e jurídico. A seguir, tomo a literatura e a música do período como palcos privilegiados para uma leitura alegórica destes estereótipos.

Maria Clementina Pereira Cunha (Orientadora), Magali Gouveia Engel (DH/UFF) e Elciene Azevedo

ANDRÉ CÔRTEZ DE OLIVEIRA – 31/08/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

O objetivo desta dissertação de mestrado é analisar a construção discursiva da identidade negra nas páginas do jornal *A Voz da Raça*. Publicado entre os anos de 1933 e 1937, era o periódico oficial da Frente Negra Brasileira (1931-1937). Em suas páginas foi edificada

a “Gente Negra Nacional” a partir da articulação de uma enorme diversidade de posicionamentos políticos e memórias históricas. Apesar desta multiplicidade, a “Gente Negra Nacional” era uma identidade fechada e enraizada em conceitos metafísicos de raça e nação organizados por uma concepção orgânica, eugênica e religiosa de sociedade. A Frente Negra Brasileira foi alvo de diversos estudos e, também, rearticulada por diversos segmentos sociais como inspiração para a luta contra o racismo na sociedade brasileira. Em geral, estes estudos tendem a colocar em segundo plano seu discurso fascista, destacando suas vitórias na luta contra o racismo e por melhores condições de vida para os brasileiros negros.

Celia Maria Marinho de Azevedo (Orientadora), Luiz Fernando Ferreira da Rosa Ribeiro e Sílvio Donizetti O. Gallo

MATHEUS COUTINHO FIGUINHA – 30/11/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“ORTODOXIA E PODER NA ÁFRICA ROMANA: SANTO AGOSTINHO, ASCETAS E DONATISTAS ENTRE FINAIS DO SÉCULO IV E INÍCIOS DO SÉCULO V”.

Este é um estudo da relação entre ascetismo e poder episcopal no caso de santo Agostinho. Tal relação é avaliada no contexto da controvérsia donatista, que tanto preocupou o bispo católico de Hipona durante longos anos, especialmente ao longo da primeira década do século V. Num primeiro momento, procuro levantar os problemas e as dificuldades que a controvérsia apresentava ao seu episcopado, bem como suas possibilidades de ação. Em seguida, analiso como o emprego de valores ascéticos na organização da Igreja católica e a mobilização de ascetas e monges durante sua campanha anti-donatista criaram novas tendências de expressão do poder episcopal. Por fim, considero seus esforços de desenvolver um modelo mais organizado de monasticismo, centrado na autoridade episcopal, a fim de eliminar as tensões entre ele e os monges ao seu redor.

Néri de Barros Almeida (Orientadora), Marcelo Cândido da Silva e Leandro Karnal

DOUTORADO

ALBERTO LUIZ SCHNEIDER – 21/02/2005 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

SÍLVIO ROMERO HERMENEUTA DO BRASIL: TRÊS RAÇAS E MISCIGENAÇÃO NA FORMAÇÃO DE UMA IMAGEM DA BRASILIDADE.

O objetivo desta tese é compreender a interpretação do Brasil contida no pensamento de Sílvio Romero (1851-1914). Seu livro mais importante, a *História da literatura brasileira* – obra em quatro volumes, publicada em 1888 – é mais do que uma história eminentemente literária; é, antes, um esforço sociológico, onde o tema em questão não é apenas o *corpus literário* do país, mas a própria nação. Trata-se de uma obra destinada a produzir o que chamei *teoria do Brasil*, na medida que apresenta a sociedade e a cultura brasileiras como inexoravelmente mestiças e fundadas a partir das três raças, embora devesse prevalecer um país embranquecido e culturalmente ocidentalizado. Essa imagem mestiça do país foi formulada em meio a teorias científico-evolucionistas eivadas de pressupostos raciais eurocêntricos. A construção de uma imagem romântica do Brasil – pois Romero via na mestiçagem a essência nacional, fundada no povo – mesmo que com roupagem cientificista, afetou e orientou a interpretação que o autor faria do país, da literatura à cultura popular, da imigração européia ao acalentado ideal de progresso e modernidade. A partir de sua *teoria do Brasil*, Sílvio Romero interpretou tanto a obra literária de Machado de Assis, quanto a imigração alemã no Sul do país, temas absolutamente dispares. O que une uma coisa e outra no conjunto da obra romeriana é a busca por uma noção de brasilidade, à qual tanto Machado de Assis, por supostamente evitar os grandes temas brasileiros, quanto os imigrantes alemães, por resistirem à imigração, estariam negando-se. Certos aspectos da *teoria do Brasil*, como a busca pela autenticidade brasileira na cultura popular ou a percepção do país como herdeiro da mestiçagem entre as três raças reaparecem, embora modificados, com o mesmo sentido nacionalista, em autores identificados com a renovação estética, cultural e histórica dos anos vinte e trinta, como Mário de Andrade e Gilberto Freyre.

Jorge Sidney Coli Junior (Orientador), Leila Mezan Algranti, Élide Rugai Bastos, Miriam Garath – IEL/UNICAMP, Luiz Carlos da Silva Dantas – IEL/UNICAMP

ALMIR DINIZ DE CARVALHO JUNIOR – 25/02/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

ÍNDIOS CRISTÃOS – A CONVERSÃO DOS GENTIOS NA AMAZÔNIA PORTUGUESA.

Esta tese tem por objetivo demonstrar como os índios de diversas etnias, inseridos na nova ordem colonial que se instalou na Amazônia portuguesa, foram se incorporando àquele novo mundo como cristãos, entre meados do século XVII e a segunda metade do século XVIII, através do processo de sua evangelização. Busca também perceber como esses personagens reinventaram e rearticularam os padrões religiosos e morais do mundo cristão impostos pelos seus missionários, em particular os jesuítas, na tentativa de imprimir sentido ao seu processo de inserção. Procura ainda demonstrar, através dos fragmentos deixados por seus escritos e depoimentos, e os indícios lidos nas fontes do poder colonial, como estas populações indígenas das aldeias e vilas coloniais articularam um patamar cosmológico comum de forte base tupi, apreendido nas aldeias missionárias através da apropriação da simbologia cristã e dos rituais ancestrais tupinambá, para constituírem espaços culturais e sociais autônomos no interior daquele novo mundo.

John Manuel Monteiro (Orientador), Ronaldo Vainfas – UFF – RJ, Marta Rosa Amoroso – USP – SP, Cristina Pompa – USP – SP, Sílvia Hunold Lara

LUCILENE REGINALDO – 04/03/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

OS ROSÁRIOS DOS ANGOLAS: IRMANDADES NEGRAS, EXPERIÊNCIAS ESCRAVAS E IDENTIDADES AFRICANAS NA BAHIA SETECENTISTA.

As irmandades do Rosário na Bahia, desde as primeiras fundações em meados do século XVII, até o final do século XIX, foram, em sua maioria absoluta, controladas por africanos angolas e seus parceiros crioulos. Este fenômeno indica uma valorização deste espaço por parte dos angolas, mais do que por qualquer outro grupo de africanos. A identificação com as confrarias católicas aponta para a importância do catolicismo na África Central e, ao mesmo tempo, ressalta este elemento como fundamental na constituição de uma identidade particular dentro da comunidade escrava e da sociedade baiana em geral. Esta tese também discute esta identificação na experiência dos escravos no Reino, sugerindo uma perspectiva de investigação da história da devoção ao Rosário, das confrarias negras e da identidade angola ao longo do século XVIII e circulando por três continentes.

Sílvia Hunold Lara (Orientadora), Robert Wayne Andrew Slenes, Marina de Mello e Souza – USP – SP, Maria Cristina Cortez Wissenbach – USP – SP, Luís Nicolau Pares – UFBA - BA

GLAYDSON JOSÉ DA SILVA – 04/03/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

ANTIGUIDADE, ARQUEOLOGIA E A FRANÇA DE VICHY: USOS DO PASSADO.

Este trabalho tem por objetivo analisar os usos do mundo antigo, pela História e pela Arqueologia, como forma de estabelecer compreensões do mundo contemporâneo. Propõe uma reflexão acerca do papel do passado nos jogos de estratégia e afirmações identitárias, à medida que percebe os estudos sobre a Antiguidade muito próximos das representações coletivas na contemporaneidade. Parte da premissa de que o saber sobre o passado, sua e escrita e suas leituras, são poderes e geram poderes. Do ponto de vista temático, trata da apropriação do passado gaulês, romano e galo-romano na França durante o Regime de Vichy (1940-1944). Mas trata, também, da inserção do objeto num contexto mais amplo, europeu, na medida em que analisa as instrumentalizações da Antiguidade pelo Nazismo

e pelo Fascismo. Aproxima-se do objeto com uma análise das figurações da Gália e dos gauleses na historiografia francesa, principalmente a partir do século XIX. Trata do estatuto dos historiadores ao se relacionarem com os poderes do Estado, especificamente, no caso, de Jérôme Carcopino, notável romanista que foi ministro da educação sob Vichy. Por perceber na sociedade francesa atual uma presença muito marcante da Antiguidade, como forma de legitimação de direitos, advindos da origem, analisa-se, também, as formas de apropriação do mundo antigo pelas extremas direitas, representadas no trabalho pelo *Front National* e pelo grupo *Terre et Peuple*. Pedro Paulo Abreu Funari (Orientador), Margarida Maria de Carvalho – UNESP – SP, Fábio Vergara Cerqueira – UFPEL – RS, Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa, Leandro Karnal

MARCO CICERO CAVALLINI – 10/03/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

LETRAS POLÍTICAS: A CRÍTICA SOCIAL DO SEGUNDO REINADO NA FICÇÃO DE MACHADO DE ASSIS.

Este estudo pretende ampliar o diálogo entre a crítica social e política de Machado de Assis e a de seus contemporâneos. O percurso da análise passa pelos anos da juventude do escritor, destacando sua participação como cronista em meio ao debate entre liberais e conservadores na década de 1860. Depois, se volta para o romance *Dom Casmurro*, buscando ligações entre a obra da maturidade e a experiência no jornalismo. A terceira parte aborda um conto de Machado, o objetivo é evidenciar a similaridade entre a condição feminina e a escravidão, além de aproximar a aventura da personagem das agitações políticas da época: o abolicionismo e a reforma eleitoral de 1879. Ao final, a tese retorna ao romance para, de modo mais incisivo, relacionar a ficção com a história política do Segundo Reinado no Brasil e o declínio da classe senhorial.

Sidney Chalhoub (Orientador), Robert Wayne Andrew Slenes, Luiz Carlos da Silva Dantas, Fernando Antonio Lourenço e Nelson Schapochnik – UNESP-SP

MARCOS ALBERTO HORTA LIMA – 04/05/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

LEGISLAÇÃO E TRABALHO EM CONTROVÉRSIAS HISTORIOGRÁFICAS: O PROJETO POLÍTICO DOS INDUSTRIAIS BRASILEIROS (1919 – 1930).

Tese deste estudo: ao longo do período de 1919 a 1930, ao criticarem as leis do trabalho preconizadas pelo Estado brasileiro, os industriais reclamaram para os patrões a responsabilidade pela integração do trabalhador à ordem do capital, concebendo um projeto político. Esta tese é relacionada aos trabalhos acadêmicos cujas interpretações se impuseram como referência, compreendendo uma reflexão sobre as respectivas diferenças entre os estudos.

Paulo Celso Miceli (Orientador), Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes, Wilma Peres Costa, Iram Jacome Rodrigues – USP e Oswaldo Machado Filho – UFMT – MT

ELAINE CRISTINA DIAS – 31/05/2005 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

FÉLIX-ÉMILE TAUNAY: CIDADE E NATUREZA NO BRASIL.

Esta tese de Doutorado estuda a carreira do pintor francês Félix-Émile Taunay no Rio de Janeiro, entre os anos de 1824 a 1851. Analisamos sua atuação como pintor de paisagens, assim como sua atividade de diretor da Academia Imperial de Belas Artes entre 1834 a 1851, período em que realizou uma série de inovações no campo do ensino artístico. Entre estas medidas estão o desenvolvimento do curso de desenho, a criação das *Exposições Gerais de Belas Artes* em 1840, a organização da Pinacoteca da Academia, o Prêmio de Viagem em 1845 e uma constante preocupação com a atuação do artista na sociedade. Nesse sentido, foi de suma importância o trabalho conjunto de Taunay e de Grandjean de Montigny na busca pelo estabelecimento profissional dos arquitetos acadêmicos na sociedade carioca de

então. A abordagem à pintura de paisagem de Taunay realizou-se através de duas vias distintas. A primeira delas refere-se à análise do primeiro panorama brasileiro exposto em Paris – o *Panorama da cidade do Rio Janeiro* – com base nos desenhos elaborados por Taunay e pintados por Guillaume Ronmy em 1824. A segunda concentra-se na pintura de paisagem realizada entre as décadas de 1820 e 1840, as quais demonstram, pouco a pouco, uma nova abordagem temática do gênero. Com este trabalho, caminhamos na tentativa de cobrir uma lacuna dentro da história da arte brasileira do século XIX, seja na história do ensino artístico, seja na temática da pintura de paisagem.

Luiz Cesar Marques Filho (Orientador), Sônia Gomes Pereira – UFRJ – RJ, Ricardo Marques de Azevedo – USP – SP, Valéria Esteves Alves Lima – UNIMEP e Luciano Migliaccio

MATILDE ARAKI CRUDO – 24/06/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“INFÂNCIA, TRABALHO E EDUCAÇÃO. OS APRENDIZES DO ARSENAL DE GUERRA DE MATO GROSSO (CUIABÁ, 1842-1899)”.

Durante quase 50 anos, centenas de meninos pobres, órfãos ou abandonados, viveram internados no Arsenal de Guerra de Mato Grosso, onde estudaram e trabalharam. Analisar esta iniciativa militar de articular trabalho e educação para disciplinar a população livre pobre, na segunda metade do século XIX, em meio a uma sociedade escravista, é o objetivo desta tese. Na primeira parte, após um rápido histórico do Arsenal de Guerra, criado em 1832 na província de Mato Grosso, para armazenar e produzir objetos necessários à manutenção de tropas militares em área de fronteira, apresento sua estrutura burocrática e examino suas finalidades como unidade complexa que reunia armazéns, oficinas, prisão e escola. Nessa trama complexa de relações sociais, os aprendizes interagiram com soldados artífices e mestres de oficina, professores e guardas, presos civis e militares, escravos e serventes; aprenderam os ofícios de sapateiro, tanoeiro, funileiro, entre outros, mas assimilaram também comportamentos considerados inadequados pelas autoridades imperiais. Ainda na primeira parte, analiso as atitudes contraditórias da população livre pobre, de rejeição e de submissão, ao projeto disciplinar. A inserção dos aprendizes no trabalho das oficinas e o aprendizado dos conteúdos necessários à formação de um trabalhador disciplinado são abordados na segunda parte. A terceira parte examina outros mecanismos de controle utilizados para submeter os aprendizes à disciplina do trabalho e evidencia o êxito da estratégia imperial ao demonstrar que o Arsenal de Guerra conseguiu formar não só bons operários, como também preparar mestres de oficinas. Mas nem tudo foi submissão. Descrevo também os mecanismos de resistência dos trabalhadores à disciplina, destacando as fugas dos aprendizes. Finalmente, evidencio como as atitudes de resistência provocaram o efeito perverso de reiterar o preconceito contra a infância pobre, por meio da construção das categorias de aprendiz para designar a que se submete à disciplina do trabalho e a de menor para discriminar a criança insubmissa.

Paulo Celso Miceli (Orientador), Diana Gonçalves Vidal – USP – SP, Demerval Saviani – FE/UNICAMP, Izabel Andrade Marson e Nicanor Palhares Sá – UFMT – MT

MICHELLE SCHREINER – 05/08/2005 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“JULES MICHELET E A HISTÓRIA QUE RESSUSCITA E DÁ VIDA AOS HOMENS: UMA LEITURA DA EMERGÊNCIA DO “POVO” NO CENÁRIO HISTORIOGRÁFICO FRANCÊS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX.”

Para Jules Michelet, alguns literatos, como Honoré de Balzac, Eugène Sue e George Sand, caracterizam o “povo” de forma degradante, diferindo de uma literatura anterior, de fins do século XVIII e início do XIX, que devia se afirmar como veículo de instrução moral ou de “pedagogia” do cidadão. Nesse sentido, busco recuperar o propósito do historiador ao publicar *Le Peuple*, em 1846, e *Histoire de la Révolution française*, de 1847 a 1853, como contraponto à literatura do período que, segundo ele, oferecia uma falsa imagem da nação francesa ao enfatizar sobretudo os defeitos e torpezas de seu povo. A propósito da questão da emergência do “povo” no cenário historiográfico francês da primeira metade do século XIX, levanto a hipótese de que a criação das obras de Michelet em contraposição à literatura em voga no seu tempo, insere-se num contexto maior de extensão da função “pedagógica” de formação do povo, atribuída até então à Literatura, para o âmbito da História.

Maria Stella Martins Bresciani (Orientadora), Edgar Salvadori De Decca, Iara Lis Franco Schiavinatto, Luiz Carlos da Silva Dantas – DTL/ IEL/UNICAMP e Virgínia Célia Camilotti – UNIMEP – SP

MARIA CLAUDIA BONADIO – 09/09/2005 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“O FIO SINTÉTICO É UM SHOW! MODA, POLÍTICA E PUBLICIDADE (RHODIA 1960-1970)”.

Este estudo tem por objetivo analisar as políticas de publicidade empregadas no Brasil pela Divisão Têxtil da Rhodia S.A., entre 1960-1970. Elaboradas por Lívio Rangan, então diretor de publicidade da empresa, foram executadas pela equipe de profissionais da Standart Propaganda, a fim de criar o gosto pelo fio sintético (produto sobre o qual a Rhodia deteve exclusividade de produção no país, até 1968) e popularizar o seu uso e ocasionaram uma verdadeira “revolução do vestuário”. Essa política de publicidade foi calcada na produção de editoriais de moda para revistas e de desfiles, os quais conjugavam elementos da cultura nacional (música, arte e pintura), com a finalidade de associar o produto da multinacional à criação de uma “moda brasileira”. Tais espetáculos são uma novidade que dinamiza os desfiles e neles introduz uma nova estética e configuração. A tese ocupa-se, ainda da importância de tais políticas para a profissionalização do campo da moda no Brasil.

Vera Hercília Faria Borges (Orientadora), Leila Mezan Algranti, Cristina Meneguello, Maria Lúcia Bueno Ramos – SENAC – SP e Maria Celeste Mira – PUC – SP

JARDEL DIAS CAVALCANTI – 29/09/2005 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“ARTES PLÁSTICAS: VANGUARDA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA (BRASIL ANOS 60 E 70)”.

Esta pesquisa foca a relação entre a produção das artes plásticas e o contexto político brasileiro instaurado pelo Golpe Militar de março de 1964. A análise das questões artísticas, como seus desdobramentos no campo social, elegeu como local privilegiado de investigação os anos de 1964 a 1970. As interseções entre a arte e a política foram evidenciadas no posicionamento crítico dos artistas, dado no cerne de suas poéticas, nos programas estabelecidos pelas exposições de arte e num projeto de vanguarda nacional engajada.

Ítalo Arnaldo Tronca (Orientador), Maurício Farina, Marcos Tognon, Angela Brandão – CEFET-PR e Maria Alice Milliet – Fundação José e Paulina Nemirovsky

VANESSA BEATRIZ BORTULUCCE – 21/10/2005 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“DO SIMBOLISMO AO FUTURISMO: O DESENHO NA OBRA DE UMBERTO BOCCIONI”.

A proposta desta tese é realizar uma compreensão das obras do período futurista de Umberto Boccioni (1882-1916) a partir de um estudo da trajetória estética de seus desenhos, identificando as diversas influências sofridas pelo artista. Procuraremos estudar os diversos momentos do desenho e da obra gráfica do artista, reconhecendo as influências que nortearam seus estudos sobre a concepção da forma plástica, permitindo uma compreensão mais apurada da poética de Boccioni. A presença da Antiguidade clássica, do Renascimento italiano, do *Art Nouveau*, do Expressionismo e do Simbolismo nos desenhos de Boccioni nos permitirá identificar a amplitude de sua estética, bem como reconhecer, na fase futurista do artista, o amadurecimento de muitos conceitos e idéias que surgiram em seus desenhos, como a preocupação com a linha, o espaço, a luz, o ambiente, e principalmente, o estudo e a apreensão do movimento humano.

Nelson Alfredo Aguilar (Orientador), Luciano Migliaccio, Annateresa Fabris – ECA – USP, Carlos Eduardo Ornelas Berriel e Lorenzo Mammì – FFLCH - USP

ALESSANDRA IZABEL DE CARVALHO – 28/10/2005 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“MONTANHAS E MEMÓRIAS - UMA IDENTIFICAÇÃO CULTURAL NO MARUMBI”.

Trata-se de um estudo sobre o marumbinismo, uma manifestação específica da prática do montanhismo que se delineou nas montanhas do Marumbi, porção paranaense da Serra do Mar, entre as décadas de 1940 e 1960. O grupo que sistematicamente se deslocava para aquelas montanhas acabou edificando uma cultura própria, evidenciada por meio de um conjunto de sentimentos e atitudes para com o ambiente natural e das relações que estabeleceram entre si. Os estudos no campo da memória permitiram um entendimento da lógica interna do grupo representada nos parâmetros da sociabilidade vivenciada entre eles. Tal abordagem possibilitou também a identificação de camadas mais profundas de memórias que informaram, e informam ainda hoje, muito das interações que envolvem pessoas e montanhas. A uma certa distância, e por muito tempo, a experiência de montanha foi, primordialmente, balizada pelos mitos e pelas referências literárias clássicas e bíblica. No século XVII, o dilema da passagem do discurso religioso para o discurso científico estabeleceu uma nova forma de as pessoas pensarem a si mesmas e ao seu universo. Naquele momento as características terrestres, entre elas as montanhas, eram explicadas a partir de teorias que tentavam combinar o dogmatismo teológico e os conhecimentos produzidos pela Revolução Científica. Com efeito, na viagem que visava ao culto ao antigo, os viajantes foram expostos à grandiosidade de cenários como o do mundo alpino e vivenciaram uma experiência *in loco* nas montanhas. Novas concepções de tempo, de espaço e de conhecimento (cada vez mais dessacralizados) facilitaram a aproximação humana às regiões alcantiladas. Em busca de uma experiência sublime ou das informações científicas que conformavam uma nova ordem natural, as pessoas começam a subir as encostas das montanhas. No caminho, perceberam que aquele era um movimento que atingia não apenas os músculos, mas também o espírito e, sobretudo, era fascinantemente prazeroso.

Edgar Salvadori De Decca (Orientador), Ana Maria de Oliveira Burmester – UFPR – PR, José Augusto Valladares Pádua – UFRJ – RJ, Luzia Margareth Rago, Silvana Barbosa Rubino

MARALIZ DE CASTRO VIEIRA CHRISTO – 04/11/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“PINTURA, HISTÓRIA E HERÓIS NO SÉCULO XIX: PEDRO AMÉRICO E “TIRADENTES ESQUARTEJADO””.

A tela *Tiradentes esquartejado*, de Pedro Americo, produzida em 1893, pertencente ao acervo do Museu Mariano Procópio de Juiz de Fora (Minas Gerais - Brasil), representa, em grande formato, o corpo esquartejado do protomártir da República brasileira, executado em 1792 por crime de lesa-majestade, acusado de liderar um movimento pela Independência do Brasil. A leitura iconográfica da tela acentua a gênese de seu processo criativo, identificando a proposta inicial do artista em apresentar *Tiradentes esquartejado* não como tela isolada, mas compondo uma narrativa sobre a Conjuração Mineira, estruturada na forma de tragédia, enfatizando a fragilidade do movimento. A tela insere-se nos dilemas da criação do panteão nacional republicano, em pleno ocaso da pintura histórica na cultura ocidental. As vicissitudes da produção, circulação e recepção da imagem permitem compreender seu esquecimento por mais de meio século e atualidade. A análise do método de trabalho de Pedro Americo denota o intenso diálogo com a história da arte, assim como o processo de desconstrução dos heróis no conjunto da obra do artista, enfatizando sua consonância com a pintura internacional do final do século XIX e originalidade.

Jorge Coli (Orientador), Domingos Tadeu Chiarelli – ECA/USP, Guilherme Simões Gomes Júnior – PUC-SP, Leila Mezan Algranti (membro) e Maria Luisa Luz Tavora – EBA – UFRJ-RJ

ALESSANDRA DA SILVA SILVEIRA – 18/11/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“O AMOR POSSÍVEL: UM ESTUDO SOBRE O CONCUBINATO NO BISPADO DO RIO DE JANEIRO EM FINS DO SÉCULO XVIII E NO XIX”.

A perspectiva do concubinato como uma relação fortuita e instável no tempo está ligada ao trabalho de Caio Prado Júnior e historiadores

que nele se basearam para descrever a vida do homem livre e pobre dentro do contexto da grande lavoura no Brasil, no século XIX. Segundo o sociólogo, o homem livre e pobre vegetava à margem da economia agroexportadora e, por isso, tornava-se “moralmente degradado”. Uma nova geração de estudiosos, ao seguir esse raciocínio, revelou que esses homens encontravam nas relações passageiras e fortuitas a única maneira de se organizar em família. Segundo esses pesquisadores, o concubinato representava a “desclassificação social” em que estas pessoas viviam. O objetivo desta tese consiste em demonstrar que o concubinato era uma relação estável e semelhante ao casamento. A análise de uma documentação variada – paroquial: visitas pastorais, dispensas matrimoniais e registros de casamento de consciência; judiciárias: processos de legitimação; e cartorária: inventários *postmortem*, testamentos – aproximou, sob vários aspectos, o concubinato do casamento legítimo. A partir da análise da documentação paroquial, o peso da pobreza e da burocracia edesiástica, supostamente elementos desencadeadores do concubinato, foi relativizado. O estudo dos registros de casamento de consciência revelou o quanto os valores culturais envolvendo o matrimônio eram internalizados pelos concubinos. A análise das dispensas matrimoniais tornou relativa a ideia de que os obstáculos canônicos eram fáceis de serem transpostos. Focalizou-se, a partir da documentação cartorária e judicial, a relação entre filhos ilegítimos e pais no que dizia respeito à sucessão da herança. As leis referentes à sucessão patrimonial em conjunto com processos de legitimação oriundos do Tribunal do Desembargo do Paço constituíram elementos importantes em nessa tese. Através da ligação nominal e do cruzamento de fontes, foram construídas pequenas biografias de casais concubinos que tiveram filhos. O ciclo de vida desses casais, em momentos diferentes, foi analisado. Foi possível verificar as disposições testamentárias deles, a divisão da herança ou o próprio encaminhamento da concubina pelo companheiro.

Robert Wayne Andrew Slenes (Orientador), Carlos de Almeida Prado Bacellar – USP – SP, Sidney Chalhoub, Sílvia Hunold Lara, Sílvia Maria Jardim Brügger – FUNREI – RJ

LUCIANA MENDES GANDELMAN – 25/11/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“MULHERES PARA UM IMPÉRIO: ÓRFÃS E CARIDADE NOS RECOLHIMENTOS FEMININOS DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA (SALVADOR, RIO DE JANEIRO E PORTO – SÉCULO XVIII)”.

Ao longo do século XVIII um número crescente de instituições, tanto no Reino como em Ultramar, voltou-se para o recolhimento e dotação de meninas órfãs. A maioria destes recolhimentos estava sob a administração da irmandade da Misericórdia. As Santas Casas da Misericórdia eram irmandades leigas, de direto patrocínio régio, restritas a homens que se organizavam em torno da realização de obras de caridade. Criada originalmente em Portugal, sua influência e poderio se espalhou por todo império português, tornando-as palco das disputas em torno da expressão da caridade pessoal, de estratégias locais de poder e clientelismo e de projetos de colonização. Através da comparação dos casos dos recolhimentos do Rio de Janeiro, Salvador e Porto a presente tese procura discutir o auxílio prestado às órfãs conjugando as implicações religiosas e morais, os valores e as relações de poder e hierarquia social que estavam em jogo no estabelecimento e funcionamento dessas instituições de recolhimento e casamento de meninas órfãs presentes no Reino e no Ultramar.

Leila Mezan Algranti (Orientadora), Isabel dos Guimarães Sá – Universidade do Minho – Portugal, Maria de Fátima Silva Gouvêa – UFF – RJ, Maria Margaret Lopes – IG/UNICAMP e Sílvia Hunold Lara

CHRISLENE CARVALHO DOS SANTOS – 12/12/2005 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“SENTIMENTOS NO SERTÃO REPUBLICANO – *IMPRESA, CONFLITOS E MORTE* – A EXPERIÊNCIA POLÍTICA DE DEOLINDO BARRETO (SOBRAL 1908-1924)”

Discutir a experiência política de um jornalista liberal-democrata possibilita analisar as disputas de grupos políticos no Nordeste. Na cidade de Sobral a disputa entre “Conservadores” e “Democratas” culminou com o assassinato de Deolindo Barreto em pleno pleito eleitoral em 1924, após 16 anos de críticas pela imprensa, aos grupos de mentalidade autoritária e hierárquica e patrimonialista, representados por coronéis, clero e juizes. Apontando outra possibilidade de vida social e política o discurso liberal apresentava pedagogicamente pela imprensa uma vida pautada nas leis, no direito a igualdade meritocrática e na

“quebra” do poder patrimonial. E a imprensa foi o veículo em que grupos urbanos demonstravam sentimentos de patriotismo e felicidade social, por caminhos diferentes, representados em disputa de idéias e na organização dos espaços urbanos.

Edgar Salvadori De Decca (Orientador), Antonio Torres Montenegro – UFPE – PE, Ivone Cecília D’Avilla Gallo – PUCCAMP – SP, Iara Lis Franco Schiavinatto e Cláudio Henrique de Moraes Batalha

MARCELO BALABAN – 14/12/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“POETA DO LÁPIS: A TRAJETÓRIA DE ANGELO AGOSTINI NO BRASIL IMPERIAL – SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO – 1864-1888”.

Esta tese é uma biografia profissional do artista italiano Angelo Agostini (1843-1910) no Brasil entre os anos de 1864 e 1888. Conhecido como um dos principais nomes da imprensa ilustrada oitocentista, ele foi um importante colaborador em vários dos mais principais jornais de caricatura da segunda metade do século XIX, além de ter sido proprietário de semanários, com destaque para a Revista *Illustrada*. Analisando a cobertura que fez de temas e acontecimentos políticos centrais do período – guerra do Paraguai, a questão religiosa, o abolicionismo e a questão da cidadania – busquei, nessa investigação, explorar a relação entre sátira e política no Brasil da época. As estratégias narrativas e técnicas utilizadas por Agostini, seu empenho comercial, a interlocução entre caricatura e outras formas de discurso – literatura, textos e discursos políticos – foram analisados de tal modo a dar densidade histórica às estampas produzidas por Agostini. Esta tese procura, portanto, desvendar alguns significados da vida e obra de Angelo Agostini a partir das incertezas e conflitos que cercavam o ofício exercido com sucesso por este peculiar personagem.

Sidney Chalhoub (Orientador), Margarida de Souza Neves – PUC – RJ, Elias Thomé Saliba – USP – SP, Izabel Andrade Marson e Profa. Dra. Silvia Hunold Lara

ROBERTO BAPTISTA JUNIOR – 15/12/2005 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“ANTI-SOVIETISMO: REFLEXOS E PRÁTICAS COMPARTILHADAS DE REPRESSÃO NO SISTEMA INTERAMERICANO (1945-64)”.

Esta tese tem o propósito de discutir a formulação de políticas compartilhadas e dissociadas entre os governos da América Latina, em especial do Brasil, e dos Estados Unidos da América, a partir da influência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Neste trabalho, a influência é mostrada em três momentos distintos da conjuntura latino-americana separados em três partes, abrangendo o período de 1945 a 1964. A primeira parte trata do consenso entre os governos latino-americanos e norte-americanos de que as relações interamericanas deveriam ser prioritariamente regidas pelo paradigma da segurança hemisférica contra o inimigo externo em comum (a URSS). Tal consenso é marcado e simbolizado pela assinatura do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), em 1947. Na segunda parte, procura-se discutir o processo em que o paradigma anterior da segurança hemisférica tornou-se obsoleto, diante da estagnação sócio-econômica dos países latino-americanos e da implementação da política soviética de Coexistência Pacífica. Diferentemente do consenso caracterizado na primeira parte, esta fase é marcada por crescentes discordâncias públicas entre os governos latino-americanos e o norte-americano frente à necessidade de se colocarem em prática políticas desenvolvimentistas. A terceira parte do trabalho analisa tanto os efeitos do relacionamento entre URSS e repúblicas latino-americanas, como também o choque de paradigmas (segurança versus desenvolvimento) observado na desestabilização de governos democráticos e na desintegração política do Continente.

Ítalo Arnaldo Tronca (Orientador), Michael McDonald Hall, Fernando Teixeira da Silva, Elizabeth Cancelli – UnB – DF e Francisco Carlos Teixeira da Silva – UFRJ - RJ

NÁDIA CRISTINA NOGUEIRA – 15/12/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“INVENÇÕES DE SI EM HISTÓRIAS DE AMOR: LOTA MACEDO SOARES E ELIZABETH BISHOP.”.

Esta tese reflete sobre as condições subjetivas inseridas na relação amorosa entre Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop, entendendo que elas foram capazes de inventar vínculos afetivos e sexuais fora dos espaços institucionais, como a família e a maternidade. No contexto dessa experiência, elas assumiram novas maneiras de relacionarem-se consigo mesmas e com o meio social no qual estavam inseridas. Considerada perversão, doença, associada à criminalidade, assim o homoerotismo feminino foi nomeado pelos discursos médico-legais. Neste trabalho resgato a discussão sobre essas práticas, sublinhando a importância da sua desconstrução, por entender que esse pensamento conservador discriminou as mulheres envolvidas nessas relações. Ademais, aproximo-me dos estudos que tornaram visíveis a diversidade das experiências femininas, atentando para a divisão binária da sociedade sob a qual o sexo tornou-se uma evidência inquestionável apagando, assim, as múltiplas formas de manifestação do humano.

Luzia Margareth Rago (Orientadora), Tania Navarro Swain – UnB – DF, Vavy Pacheco Borges, Maria Suely Kofes e Carmen Lucia Soares – FEF/UNICAMP

ALVARO DE ARAUJO ANTUNES – 16/12/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“FIAT JUSTITIA: OS ADVOGADOS E A PRÁTICA JUSTIÇA EM MINAS GERAIS (1750-1808)”.

Esta tese analisa as práticas socioculturais de um grupo de advogados de Vila Rica e Mariana, Minas Gerais, entre 1750 e 1808. Seu objetivo é conhecer como as relações sociais e a formação desses homens de letras, em seus mais variados níveis, intervieram e conformaram a prática da Justiça em Minas Gerais. A Justiça era a principal via de reconhecimento do poder régio em meio à sociedade e, por definição, constituía a virtude de atribuir a cada um o que é seu. Adotando a concepção de Justiça enquanto uma prática essencial à caracterização do poder régio, esta tese investiga: o exercício jurídico dos advogados, as redes de sociabilidade que firmaram, suas formações universitárias, a composição de suas bibliotecas, suas práticas de leituras, as apropriações que faziam destas nos pleitos judiciais, a influência e os desdobramentos da política modernizadora pombalina no âmbito do ensino e da justiça. Trata, portanto, da conjunção das políticas da Coroa portuguesa com aspectos socioculturais dos advogados em um microcosmo da justiça local de Vila Rica e Mariana.

Leila Mezan Algranti (Orientadora), Fernando Antonio Novais – IE-UNICAMP, Izabel Andrade Marson, Luiz Carlos Villalta – UFMG – MG e Junia Ferreira Furtado – UFMG – MG

KARLA DENISE MARTINS – 16/12/2005 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“CRISTÓFORO E A ROMANIZAÇÃO DO INFERNO VERDE: AS PROPOSTAS DE D. MACEDO COSTA PARA A CIVILIZAÇÃO DA AMAZÔNIA (1860-1890)”.

Nosso objetivo é analisar a produção intelectual de D. Macedo Costa, bispo que esteve à frente da Diocese do Grão-Pará, durante a segunda metade do século XIX. Discutiremos suas idéias sobre relações familiares, políticas e religiosas. Isso é possível porque esse bispo deixou um acervo literário no qual percebemos os significados construídos sobre a Amazônia como modelo de sociedade católica. Com essas fontes, entendemos alguns pontos do debate entre liberais e “ultramontanos”, especialmente aqueles ligados à educação popular e à secularização social. Misturando temas de várias épocas, ele escreveu sobre assuntos diversos da sociedade de seu tempo. Assim, podemos entender como a partir de certa tradição literária, esse bispo representou sua sociedade e a si mesmo, no momento da mudança política que marcou a passagem da Monarquia para a República no Brasil.

Leandro Karnal (Orientador), Eliane Moura da Silva, Roberto Romano da Silva, Irma Rizzini (UERJ-RJ) e Carlos Eduardo Ornelas Berriel (IEL-UNICAMP)

JEAN RODRIGUES SALES – 20/12/2005 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“O IMPACTO DA REVOLUÇÃO CUBANA SOBRE AS ORGANIZAÇÕES COMUNISTAS BRASILEIRAS (1959-1974)”.

O objetivo principal desta tese é analisar as relações entre as esquerdas comunistas brasileiras e a revolução cubana entre 1959 e 1974. Trata-se de entender em que medida essa revolução influenciou o debate ideológico dos comunistas brasileiros e quais os desdobramentos para as suas formulações teóricas e prática política. A conclusão geral é a de que o processo revolucionário cubano esteve presente, sobretudo, no debate a respeito da definição da luta armada contra a ditadura militar e na adoção da bandeira do socialismo por uma parte dessa esquerda. Foi importante ainda na crise que se abateu após 1964 sobre as organizações que já existiam antes do golpe militar, que vieram a se fragmentar e dar origem a diversos grupos da Esquerda Revolucionária. Cláudio Henrique de Moraes Batalha (Orientador), Marcelo Siqueira Ridenti, Michael McDonald Hall, Serge Wolikow (Univ. de Borgonha – França) e Pierre Guenancia (Univ. de Borgonha – França)

GLAUCIA VIEIRA RAMOS KONRAD – 16/02/2006 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“OS TRABALHADORES E O ESTADO NOVO NO RIO GRANDE DO SUL: UM RETRATO DA SOCIEDADE E DO MUNDO DO TRABALHO (1937-1945)”.

O período da história do Brasil, conhecido como Estado Novo teve início em 10 de novembro de 1937, através de um golpe de Estado e estendeu-se até 1945. A Constituição de 1937, outorgada, preceituava a retirada das liberdades sociais e a busca do consenso dos trabalhadores e dos seus órgãos representativos. Grande parte da historiografia, que trata deste período, considera que o Estado Novo conseguiu desenvolver o controle absoluto, não tendo ocorrido contestações, reações e questionamentos da sociedade, em geral, e dos trabalhadores, em particular. Enfim, teria existido o completo controle do mundo do trabalho. Neste caso, os trabalhadores ficaram sob total condição heteronômica diante do Estado, seja pela propaganda política e ideológica, seja pela repressão da polícia política. A intenção do governo de Getúlio Vargas, através da implantação de uma legislação trabalhista e social, buscando o controle dos trabalhadores, procurava resolver o conflito entre capital e trabalho pela harmonia social, criando um aparato jurídico-corporativo que submetia a vida sindical ao Ministério do Trabalho. Porém, antes de ser uma doação do Estado, a conquista dos direitos resultou da resistência e da luta dos trabalhadores pela garantia das mínimas condições de vida e trabalho. A tese tem por objetivo demonstrar, através do estudo do Estado Novo no Rio Grande do Sul, que não existiu, neste período, um hiato na história de lutas dos trabalhadores, estabelecendo que as relações entre os sindicatos e o Estado, entre os não-sindicalizados e a sociedade, apresentaram momentos de menor ou maior reação, porém, nunca de conformismo. Seja reivindicando direitos, seja realizando mobilizações individuais ou coletivas, como as greves, houve resistência e acúmulo de forças para as lutas daquele momento histórico, auxiliando na derrota da ditadura do Estado Novo, bem como para outras que marcaram a trajetória e a experiência posterior dos trabalhadores gaúchos.

Michael McDonald Hall (Orientador), Beatriz Ana Loner – UFPE – RS, Cláudio Henrique de Moraes Batalha, Francisco Carlos Teixeira da Silva – UFRJ – RJ, Fernando Teixeira da Silva

VITOR WAGNER NETO DE OLIVEIRA – 20/02/2006 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“ENTRE O PRATA E MATO GROSSO: UMA VIAGEM PELO MUNDO DO TRABALHO MARÍTIMO DE 1910 A 1930. (BUENOS AIRES, MONTEVIDÉU, ASSUNÇÃO E CORUMBÁ)”.

Tendo o navio, o rio e o porto como espaços privilegiados e os tripulantes como personagens principais, a pesquisa aborda os “mundos do trabalho” no caminho fluído dos rios da Prata e Paraguai, passando pelas cidades portos de Buenos Aires, Montevideú, Assunção e Corumbá, ligadas fisicamente pelas águas da Bacia Platina e, numa perspectiva social, pelas relações de trabalho e de resistência operária, no início do século XX. A narrativa pretende apresentar as experiências dos trabalhadores marítimos que delineiam proximidades para além fronteiras nacionais, contribuindo para romper com barreiras historiográficas que se desenham conforme os

limites geo-econômicos nacionais. Apresentam-se, de início, os ambientes naturais apreendidos como espaços que se formam ao sofrerem a ação do homem, portanto, espaços dinâmicos que estabelecem fronteiras que podem não coincidir com as linhas demarcadas pelos Estados. A mobilidade da fronteira possibilita o emprego de mão-de-obra precarizada em Mato Grosso, arremetida no Paraguai e no norte Argentino. Da mesma forma, a urbanização de cidades do antigo Sul de Mato Grosso é explicada a partir dessa percepção de transnacionalização da região. No interior dos navios que faziam a ligação entre o Mato Grosso e o Prata, visualiza-se a conjugação do tempo da natureza, do tempo da máquina a vapor e das relações que os homens estabeleciam com esses elementos e entre si no cotidiano do trabalho. Nos bairros portuários, local de moradia e de convivência desses trabalhadores, tenta-se identificar as diferenças e semelhanças dos marítimos com os outros em terra. Na seqüência prioriza-se o estudo das organizações operárias de Assunção, para entender as inter-relações dos movimentos operários no Cone-Sul americano, especialmente dos marítimos. Os momentos de greves e boicotes são privilegiados na apreensão da solidariedade internacional de classe. Finaliza-se a tese apontando para a existência, no Cone-Sul, de duas faces do movimento operário: a luta organizada e a repressão coordenada, ambas internacionalmente.

Cláudio Henrique de Moraes Batalha (Orientador), Fernando Teixeira da Silva, Michael McDonald Hall, Norberto Osvaldo Ferreras e Lilia Inês Zanotti de Medrano - PUCC/Campinas-SP

CLAUDIA FEIERABEND BAETA LEAL – 21/02/2006 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“PENSIERO E DINAMITE – ANARQUISMO E REPRESSÃO EM SÃO PAULO NOS ANOS 1890”.

Esta tese trata da presença, atividades e repressão dos militantes anarquistas residentes ou atuantes em São Paulo nos anos 1890. Nesse sentido, o objetivo do trabalho é analisar sua atuação nesse período através de seus jornais, publicações, manifestações públicas e em sua interação com outros agentes sociais, fossem eles outros trabalhadores, policiais ou autoridades diplomáticas e oficiais. A tese tenciona também acompanhar a construção da idéia de anarquismo no ambiente policial paulista, o que ajuda a entender as formas de tratamento delegadas aos militantes que desenvolveram atividades libertárias em São Paulo desde os primeiros anos da década de 1890, ajudando também a entender o tipo de suspeição a que os imigrantes eram submetidos e sua experiência de trabalhador estrangeiro e estigmatizado como subversivo.

Michael McDonald Hall (Orientador), Luigi Biondi – UFCE – CE, Cláudio Henrique de Moraes Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato – UFU - MG

ANA CAROLINA FERACIN DA SILVA – 23/02/2006 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“DE “PAPA-PECÚLIOS” A TIGRE DA ABOLIÇÃO: A TRAJETÓRIA DE JOSÉ DO PATROCÍNIO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX”.

Esta tese estuda a trajetória social do jornalista José Carlos do Patrocínio (1853-1905). Reconhecido como um dos baluartes da campanha abolicionista na corte imperial, Patrocínio teve uma vida intensa e bastante atribulada no mundo da imprensa do fim do século XIX. Além de jornalista, folhetinista, e cronista político, ele também foi proprietário e editor de dois jornais da Corte entre as décadas de 1880-1890. Profundamente envolvido nas questões políticas e sociais de seu tempo e inserido em várias polêmicas, Patrocínio é uma chave de acesso à problematização e compreensão de algumas circunstâncias históricas do período. Além de todo debate em torno da abolição e da campanha pela república, a experiência pessoal de Patrocínio torna-se o próprio foco de análise. Desta maneira, um dos principais objetivos da pesquisa é recuperar e tentar compreender os caminhos efetivamente percorridos e os possíveis de serem trilhados por um jovem negro, pobre, filho de um vigário com uma de suas escravas, num mundo marcado pelo trabalho compulsório. Por outro lado, a análise também se volta a atravessar o denso cipoal de imagens que se cristalizou sobre Patrocínio ao longo de um processo de embates e acomodações da memória. Neste sentido, atenção especial tem sido dedicada às principais biografias e memórias sobre ele de forma a entender os mecanismos pelos quais a sua legenda “abolicionista” ficou perenizada em tais obras – sendo recorrente também na historiografia.

Maria Clementina Pereira Cunha (Orientadora), Sidney Chalhoub Elciene Azevedo, Joseli Maria Nunes Mendonça – UNIMEP – SP e Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro – UFF – RJ

RENATA CARDOSO BELLEBONI RODRIGUES – 23/02/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“EXPLICAR O INEXPLICÁVEL: INTERPRETANDO MEDUSA”.

A mitologia grega é fecunda em personagens que habitavam o imaginário grego. Dentre eles podemos encontrar a górgona Medusa, o monstro que petrificava todo e qualquer ser vivo através do olhar. Muitos estudiosos da Antiguidade analisaram o mito e a representação figurada deste monstro apontando diferentes interpretações de acordo com a linha teórica na qual estavam inseridos. Nosso objetivo é, neste sentido, apresentar e comparar alguma dessas interpretações que desde o século XIX vêm contribuir para com o conhecimento da História da Cultura Grega em geral e dessa personagem mítica em específico.

Pedro Paulo Abreu Funari (Orientador), Gabriele Cornelli – UMESP – SP, Margarida Maria de Carvalho – UNESP – SP, Renata Senna Garraffoni – UFPR – PR, Glaydson José da Silva

MONICA SELVATICI – 17/03/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“OS JUDEUS HELENISTAS E A PRIMEIRA EXPANSÃO CRISTÃ: QUESTÕES DE NARRATIVA, VISIBILIDADE HISTÓRICA E ETNICIDADE NO LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS”.

O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar as evidências textuais e arqueológicas que permitam construir um contexto histórico plausível para a primeira expansão do movimento cristão, ocorrida na década de 30 do século I d.C., após a morte de Jesus. Esta expansão se caracterizou, segundo apresenta o relato do livro de *Atos dos Apóstolos* nos capítulos 6:1 a 8:40, e, possivelmente, também no relato da fundação da comunidade de Antioquia em *Atos* 11:19-26, pela ação missionária de judeus cristãos, ditos helenistas, saídos de Jerusalém, na região da Samaria e em áreas exteriores à Palestina, nomeadamente, a província romana da Síria e a ilha de Chipre, e pelas primeiras conversões de gentios à fé em Jesus como o Messias de Israel. O trabalho parte de uma historização do modelo interpretativo dominante sobre o Cristianismo antigo e de uma discussão dos propósitos teológicos e da questão da visibilidade histórica da narrativa de *Atos dos Apóstolos*. A análise da documentação textual é realizada a partir dos pressupostos da Nova História Cultural e o conceito de etnicidade é utilizado no sentido de compreender o aspecto mutável das identidades cristãs nos primeiros anos de vida do movimento cristão. A abordagem cronologicamente invertida da seqüência de passagens do livro de *Atos* acima apresentada permitiu a esta tese alcançar resultados diferenciados, em relação àqueles da historiografia dominante, sobre a questão da expansão inicial do movimento cristão do universo judaico palestino para o mundo helenizado do Mediterrâneo romano.

André Leonardo Chevitarrese (Orientador), Leandro Karnal, Paulo Augusto de Souza Nogueira – UMESP
Gabriele Cornelli – UMESP e Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa – FJ - RJ

ANTONIO MANOEL ELIBIO JUNIOR – 23/03/2006 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“A CONSTRUÇÃO DA LIDERANÇA POLÍTICA DE FLORES CUNHA: GOVERNO, HISTÓRIA E POLÍTICA (1930-1937)”.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória política de José Antônio Flores da Cunha que governou o Estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 1930 e 1937. As questões que orientaram esta investigação giraram em torno da análise da construção da liderança política de Flores da Cunha através da troca epistolar com inúmeros atores políticos e sociais. Nesse sentido, as perguntas às quais procuramos responder podem ser formuladas nos seguintes termos: Quais eram os liames políticos estabelecidos por Flores da Cunha e o Governo Federal? Como situar a gestão política de Flores da Cunha no âmbito dos Partidos Políticos do Rio Grande do Sul? Quais os embates travados pelo político nos momentos da Revolução de 1930, Revolução Constitucionalista de 1932, durante os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte em 1934 e a partir da decretação do Estado de Sítio em 1935? Para discutir esses aspectos, empregamos

como fonte tanto os documentos epistolares depositados no Centro de Pesquisa de História Contemporânea do Brasil – CPDOC – FGV, no Fundo do Gabinete Civil da Presidência no Arquivo Nacional, no acervo da Biblioteca Nacional-, quanto os jornais A Federação, Jornal da Manhã, Correio do Povo, Diário Liberal depositados no acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa. Além disso, também usamos como fontes as edições da revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul publicadas entre os anos de 1921 e 1937. Os resultados aos quais chegamos possibilitam apreender que, embora não exercendo uma efetiva interferência na política nacional, Flores da Cunha mediou constantemente às demandas políticas e econômicas do Rio Grande do Sul e, a partir de 1935, iniciou um franco confronto com Getúlio Vargas. Concluímos, também, que a mediação de Flores da Cunha entre o poder federal e as elites econômicas e políticas do Rio Grande do Sul, não se fundou exclusivamente em uma mera disposição deste em acatar as designações do Governo Federal, mas, sim, constituiu uma prática política de negociações baseada numa diversidade de interesses circunstanciais.

Vera Hercília Faria Pacheco Borges (Orientadora), Iara Lis Franco Schiavinatto, Maria Stella Martins Bresciani Ilka Stern Cohen – ANPUH – SP, Cynthia Machado Campos – CFH – USFSC

ANDRE LUIZ TAVARES PEREIRA – 23/03/2006 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“A CONSTITUIÇÃO DO PROGRAMA ICONOGRÁFICO DAS IRMANDADES DE CLÉRIGOS SECULARES NO BRASIL E EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII: ESTUDOS DE CASO”.

A presente dissertação descreve a constituição do programa iconográfico utilizado pelas irmandades de clérigos seculares em sua igreja fundadas na América Portuguesa - Salvador, Recife, Mariana, Rio de Janeiro e São Paulo - bem como em Portugal - Porto Amarante e Viana do Castelo - ao longo do século XVIII. Procura-se demonstrar que estas irmandades dependeram, sempre, da atuação dos bispos das diversas dioceses em que vieram a ser instaladas, bem como converteram-se em veículos adequados à renovação e à disciplina do clero num período de reorganização da Igreja portuguesa, a partir de 1670. Associa-se seu desenvolvimento ao processo de criação do Patriarcado de Lisboa, em 1716 e à nomeação do bispo do Porto D. Tomás de Almeida para a cabeça da nova Igreja Patriarcal. Demonstramos de que modo o apoio do patriarca de Lisboa à Irmandade dos Clérigos do Porto promove seu desenvolvimento e nobilitação e como a atividade dos membros do cabido português, em sua maioria irmãos vinculados à Irmandade de clérigos daquela cidade, contribuiu para a definição de um modelo iconográfico para esta irmandade e para as suas congêneres. Identifica-se e se faz ver em conjunto o patrimônio artístico das Irmandades de clérigos da América Portuguesa - reunidas sob a Invoação de São Pedro - procurando compreender as motivações possíveis para a apropriação e a utilização simbólica de variado material iconográfico. Procura-se estabelecer relações entre as irmandades portuguesas e aquelas instaladas na América Portuguesa, identificando recorrências, alterações sutis num possível modelo canônico, sempre tendo em vista a crônica histórica dos casos eleitos para estudo. Analiza-se, por fim, os condicionantes culturais desta percepção da arte como superposição de visualidade e programa político-teológico, característico do sistema discursivo dos séculos XVII e XVIII.

Luciano Migliaccio (Orientador), Leila Mezan Algranti Alcir Pécora - DTL/IEL/UNICAMP, Mário Henrique D'Agostino – FAU/USP e Giuseppina Raggi – Universidade de Bologna

MARIA DE FATIMA BENTO RIBEIRO – 31/03/2006 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“ITAIPU, A DANÇA DAS ÁGUAS: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE 1966 A 1984”.

Itaipu fez parte de um projeto edificado sobre as águas do rio Paraná. As águas do violento rio alimentaram o sonho do Brasil potência, do Brasil grande, durante a ditadura militar. As águas e a sua importância fazem parte da história do país, movem projetos de desenvolvimento. Narrativas históricas e literárias remetem a pensar a construção da nação em que o rio serve de referência, as águas movem projetos políticos. Os impactos ocasionados pela execução do projeto de Itaipu certamente foram marcantes, o desaparecimento das Sete Quedas e as desapropriações são exemplos emblemáticos. Na história de Itaipu há um espetáculo de luz

e outro de morte. São representações utilizadas para construção de uma memória. Itaipu é um projeto marcado pelo conflito, dualidade e binacionalidade, temática esta que pauta as reflexões do presente estudo.

Edgar Salvadori De Decca (Orientador), Leda Maria Caira Gitahy – IG/UNICAMP, Maria Izilda dos Santos Matos – PUC – SP, Maria Stella Martins Bresciani e Silvana Barbosa Rubino

ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA – 16/08/2006 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“MODOS DE SER EM MODOS DE VER: CIÊNCIA E ESTÉTICA EM REGISTROS DE AFRICANOS POR VIAJANTES EUROPEUS (RIO DE JANEIRO, CA. 1808-1850)”.

A proposta desta tese é investigar as maneiras pelas quais os viajantes europeus que estiveram na cidade do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XIX registraram, em letras e figuras, os africanos na experiência da escravidão. Mais especificamente, a intenção é demonstrar o quanto esta literatura de viagem oitocentista dialoga, em várias instâncias, com certas teorias científicas e estéticas européias sobre a diversidade humana, formuladas durante as últimas décadas do século XVIII. Estas vias intelectuais, em seus embates, edificaram e legitimaram hierarquias ontológicas para os povos, tendo como alvo principal a inferiorização dos africanos. Carregando tal bagagem, os estrangeiros que visitaram a Corte carioca até 1850 depararam-se com a maior população escrava africana das Américas. O conjunto da literatura de viagem que descreve este confronto cultural e social revela as reiterações conceituais de uma gama de características físicas, mentais e comportamentais atribuídas aos africanos no cativeiro. Como objetivo mais amplo, ao examinar tais construções este trabalho gostaria de apontar alguns limites e potenciais dos testemunhos de viajantes como fontes fartamente usadas para o estudo da escravidão no Brasil oitocentista, mas que nem sempre recebem a necessária decodificação de suas linguagens e conteúdos.

Silvia Hunold Lara (Orientadora), John Manuel Monteiro, Karen Macknow Lisboa – UNIFESP – SP, Lilia Katri Moritz Schwarcz – USP – SP e Robert Wayne Andrew Slenes

MARIA LUCIA ABAURRE GNERRE – 15/09/2006 – (HISTÓRIA SOCIAL)

“ROTEIRO DO MARANHÃO A GOIAZ PELA CAPITANIA DO PIAUHI: UMA VIAGEM ÀS ENGRENAGENS DA MÁQUINA MERCANTE”.

Analisamos alguns aspectos de uma narrativa produzida por um viajante anônimo, nos últimos anos do século XVIII, o Roteiro do Maranhão a Goiaz pela Capitania do Piauí. Trata-se de um texto colonial anônimo que se encontra na matriz de importantes discursos sobre a identidade nacional brasileira. O texto incide diretamente sobre outros importantes da historiografia brasileira da primeira metade do século XX, como Capítulos de história colonial, de Capistrano de Abreu, e Formação do Brasil contemporâneo, de Caio Prado Jr.. Autor anônimo do Roteiro do Maranhão a Goiaz pela Capitania do Piauí revela uma excepcional eloquência argumentativa ao buscar persuadir seus interlocutores, na metrópole, sobre a adequação do plano que propõe para a ocupação dos sertões entre os rios Tocantins e Paraíba. Através deste plano, pretende, em síntese, levar o estado português ao sertão da colônia. Reconhecemos, no texto do Roteiro, as marcas da ilustração portuguesa, com suas nuances bem características, formando o substrato teórico do pensamento econômico presente no Roteiro do Maranhão. Os temas do ócio, da indolência, das terras incultas e espíritos bárbaros, presentes nesta representação dos sertões, são exemplos de características que derivam da imagem que se formara da própria nação portuguesa no século XVIII. Analisamos como esta representação de Portugal, em seu momento de crise migra, através do texto do Roteiro do Maranhão, para o sertão da colônia, e identificamos as propostas do autor anônimo para solucionar tais problemas.

Edgar Salvadori De Decca (Orientador), Lara Lis Franco Schiavinatto, José Alves de Freitas Neto, Paulo Celso Miceli e José Carlos Reis – UFGM – MG

MARIA REGINA EMERY QUITES – 26/09/2006 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“IMAGEM DE VESTIR: REVISÃO DE CONCEITOS ATRAVÉS DE ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS ORDENS TERCEIRAS FRANCISCANAS NO BRASIL”.

A pesquisa enfoca principalmente o estudo das imagens de vestir, dentro do contexto das Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil, fazendo um estudo comparativo entre as ordens litorâneas (Salvador, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo) e as ordens em Minas Gerais (Ouro Preto, Mariana, São João Del-Rei e Diamantina). Analisam-se os aspectos históricos, iconográficos, técnicos, entre outros, que envolvem as imagens e suas práticas devocionais, cotejando com a documentação primária e secundária das respectivas ordens. É importante enfatizar uma revisão dos conceitos sobre esta relegada categoria escultórica, bem como, o resgate deste grande acervo, demonstrando a existência de diferenças regionais e sua relevância para a história da arte. Estas imagens são uma particular interpretação da escultura devocional e, principalmente, uma importante manifestação da cultura brasileira, que deve ser valorizada e preservada.

Luciano Migliaccio (Orientador), Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira – UFRJ – RJ, Adalgisa Arantes Campos – UFMG –MG, Marcos Tognon e Iara Lis Franco Schiavinatto

FABIO ADRIANO HERING – 18/09/2006 – (HISTÓRIA CULTURAL)

“HELENISMO E IMPERIALISMO: A IMAGINAÇÃO HISTÓRICA BRITÂNICA E A CONSTRUÇÃO MODERNA DA GRÉCIA ANTIGA”.

Esta tese é um estudo acerca dos Estudos Clássicos britânicos, no período de Consolidação Imperial (1875-1914). Busca-se entender como se estabeleceu a autoridade que legitimou uma versão acerca da Grécia Antiga afeita às oposições entre Oriente e Ocidente formalizadas desde o século XVIII. A análise da Arqueologia do período é instrumental para se compreender o espírito da época e a Helenomania que foi contemporânea a esse processo. Por meio de um referencial teórico pós-colonial esboça-se inclusive uma apreciação acerca dos desenvolvimentos contemporâneos do tópico em questão.

Pedro Paulo Abreu Funari (Orientador), Lourdes Sarah Dominguez Gonzalez – Univ. de Cuba, Margarida Maria de Carvalho, Glaydson José da Silva e Gilson Rambelli

ANTONIO CARLOS GALDINO – 25/10/2006 – (POLÍTICA, MEMÓRIA E CIDADE)

“CAMPINAS, UMA CIDADE REPUBLICANA: POLÍTICA E ELEIÇÕES NO OESTE PAULISTA (1870-1889)”

Este trabalho examina a trajetória do Partido Republicano em Campinas, como corrente de opinião da elite política paulista e como associação eleitoral, do final da década de 1860 até a queda da Monarquia. Com base em fontes diversificadas, principalmente a imprensa, bem como publicações da época e posteriores, reconstitui o ambiente de luta eleitoral naquele município em que republicanos e monarquistas enfrentavam-se e relaciona às disputas eleitorais os grandes temas da política nacional desse período.

As principais interpretações da historiografia são questionadas por meio da análise das semelhanças de posições entre republicanos e monarquistas em torno dos problemas da escravidão e do imigrentismo, da descentralização das províncias e municípios e o da chamada questão religiosa, que envolveu as relações entre o republicanismo e a maçonaria.

Por fim, a tese propõe uma abordagem sócio-histórica buscando descrever e examinar de que modo às regras e práticas institucionais de produção do eleitorado Império, os valores elitistas e excludentes envolvidos no exercício do sufrágio e da representação política e as formas de sociabilidade e de civilidade que compunham o campo da política local em Campinas, podem ter condicionado o desenvolvimento do republicanismo como fenômeno eleitoral e partidário, especialmente na década de 1880. O trabalho sugere que o predomínio dos republicanos nas eleições em Campinas relacionou-se diretamente a reconfiguração da luta eleitoral promovida pela Lei Saraiva de 1881, conjugada às formas de sociabilidade e civilidade presentes na vida urbana desse município.

Vavy Pacheco Borges (Orientadora), Izabel Andrade Marson, Maria de Lourdes Mônaco Janotti, Maria Stella Martins Bresciani e Modesto Florenzano